

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diego Pereira da Maia

O registro da imprensa na construção da história organizacional:

Memorial Theatro São Pedro

Porto Alegre
2012

Diego Pereira da Maia

O registro da imprensa na construção da história organizacional:

Memorial Theatro São Pedro

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – habilitação Relações Públicas.

Orientadora: Prof. Dra. Karla Maria Müller

Porto Alegre

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS

2012

Para os meus pais (Darcy e Glací) e à minha irmã Laura.

AGRADECIMENTO

Ao meu maior incentivador, meu pai, o Sr. Darcy, obrigado por sempre me apoiar. Se hoje sou um Relações Públicas, é graças a você. À minha mãe pela alegria e carinho e à Laurinha, a melhor irmã do mundo.

A Fabico deixou lições e marcas profundas no meu pensamento. Obrigado a minha orientadora, Karla, por estar ao meu lado em momentos criativos, por ser esse exemplo de profissional competente, que me inspira a continuar apaixonado pelo trabalho e pela comunicação.

Como não falar de Fabico sem citar um das figuras mais incríveis, da qual tive a oportunidade de trabalhar? Martha Agustoni, ou simplesmente Marthinha. Mais que uma “chefe”; uma mãe, uma amiga, um anjo. Com você aprendi que o profissional de comunicação deve ter uma simples e preciosa atitude com os demais: o respeito.

À equipe do Theatro São Pedro pela compreensão desses últimos dias com o TCC, em especial à Valência, Ivonete e a querida Dona Eva.

RESUMO

Analisar como recortes de jornais, expostos como registros históricos no Memorial Theatro São Pedro (MTSP), auxiliam a contar e a valorizar a história organizacional do Theatro São Pedro é o objetivo desta monografia. Para tanto, optou-se pela pesquisa bibliográfica, referencial, análise documental e análise de conteúdo. Foi elaborado um panorama sobre a Museologia no Brasil, sua aproximação com as Relações Públicas e a busca de um traçado sobre o estudo de história organizacional. Posteriormente, apresentou-se a história do Theatro São Pedro e a descrição do MTSP. A avaliação realizada, por meio da análise, ocorreu com vinte e um recortes classificados com a temática central “Theatro São Pedro”, quando o próprio teatro era a pauta das manchetes. Percebeu-se que a construção do MTSP por uma empresa de comunicação, no caso o Grupo RBS, promove a educação e as informações, bases da Museologia, mas com toques de criatividade e, como qualquer mídia, usa-se desse espaço para unir seu nome ao patrimônio histórico cultural.

Palavras-chave: Memorial organizacional. Museologia. Theatro São Pedro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Foto do Theatro São Pedro em 1860. Crédito: Luis Terragno	33
Imagem 2 - Foto de 1932 da Praça da Matriz. Crédito: Acervo Theatro São Pedro	35
Imagem 3 – Imagem de 1900 dos prédios gêmeos. Crédito: Virgilio Calegari	37
Imagem 4 - Foto do atual Palácio da Justiça. Crédito: Diego da Maia	38
Imagem 5 – Imagem da obra em 1975. Crédito: Acervo Theatro São Pedro	39
Imagem 6 - Interior do Theatro São Pedro (2008). Crédito: Marcelo Nunes	40
Imagem 7 - Área superior do Multipalco. Crédito: banco de imagens AATSP	43
Imagem 8 - Concha Acústica do Multipalco. Crédito: Diego da Maia	43
Imagem 9 – Teatro Italiano. Crédito: Rodrigo Conte	44
Imagem 10 – Salas Múltiplas. Crédito: Rodrigo Conte	44
Imagem 11 - Fachada lateral do Theatro São Pedro. Crédito: Diego da Maia	46
Imagem 12 - Interior do I Ato do MTSP. Crédito: Diego da Maia	46
Imagem 13 - Interior do II Ato do MTSP. Crédito: Diego da Maia	47
Imagem 14 - Interior do III Ato do MTSP. Crédito: Diego da Maia	48
Imagem 15 - Parede com autógrafos. Crédito: Diego da Maia	48
Imagem 16 - Interior do IV Ato do MTSP. Crédito: Diego da Maia	49
Imagem 17 - Painel com a ficha técnica da mostra. Crédito: Diego da Maia	49
Imagem 18 - Recorte 1 – II Ato. Crédito: Diego da Maia	58
Imagem 19 - Recorte 2 – II Ato. Crédito: Diego da Maia	59
Imagem 20 - Expositor com sobreposições de jornais. Crédito: Diego da Maia	59
Imagem 21 - Recorte 3 - II Ato. Crédito: Diego da Maia	60
Imagem 22 - Recorte 4 – II Ato. Crédito: Diego da Maia	61
Imagem 23 - Recorte 5 – II Ato. Crédito: Diego da Maia	62
Imagem 24 - Recorte 3 – III Ato. Crédito: Diego da Maia	62
Imagem 25 - Recorte 6 – II Ato. Crédito: Diego da Maia	63
Imagem 26 - Recorte 1 – III Ato. Crédito: Diego da Maia	63
Imagem 27 - Recorte 1 – IV Ato. Crédito: Diego da Maia	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico 8 de Nassar	24
Gráfico 2 - Categoria Theatro São Pedro em cada Ato no MTSP	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Item em cada sala do MTSP	50
Tabela 2 - Assuntos abordados nos recortes de jornais em cada sala do MTSP	56
Tabela 3 – Disposição das subcategorias de enfoques em cada sala do MTSP	61

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	MUSEU	12
2.1	A Museologia no Brasil	13
2.2.	O museu enquanto mídia	16
2.3.	A diferença entre museu e memorial	19
3.	RELAÇÕES PÚBLICAS E HISTÓRIA ORGANIZACIONAL	22
3.1.	<i>Clipping</i>: um instrumento de preservação da história	26
3.2	Jornais impressos	28
4.	THEATRO SÃO PEDRO: 154 ANOS	31
4.1.	A memória de um palco	32
4.2.	Associação amigos do Teatro São Pedro	42
5.	MEMORIAL THEATRO SÃO PEDRO	45
6.	ANÁLISE DOS REGISTROS DE IMPRENSA DO MTSP	54
6.1.	Período Histórico	57
6.2.	Manchetes	59
6.3.	Enfoques	61
7.	CONSIDERAÇÕES	65
	REFERÊNCIAS	67
	Anexo A	72
	Anexo B	76
	Anexo C	77

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo é formado pelos registros de imprensa expostos no Memorial Theatro São Pedro (MTSP) e seu papel, dentro de um espaço museológico, como contador da história da instituição. Sendo um importante espaço que educa e informa a respeito da memória organizacional, os espaços museais estão cada vez mais populares em empresas tradicionais e que desejam narrar sua trajetória para o público por meio da linha do tempo. O MTSP dispõe de quatro salas abertas para contar a história da centenária casa teatral.

De acordo com os dados de duas pesquisas de opinião mais importantes do empreendedorismo gaúcho, “Marcas de Quem Decide”, do Jornal do Comércio, e o prêmio “Top Of Mind”, da Revista Amanhã, o Theatro São Pedro é líder invicto na categoria “teatro” desde a primeira edição, tanto em preferência quanto em lembranças. Além disso, é referência por ser tombado pelo patrimônio histórico nacional, estadual e municipal, consolidando-se como um importante instrumento político do Estado do RS.

Além disso, o teatro faz parte do imaginário da população do Estado. Foram nove anos para que a reconstrução do teatro fosse concluída e desde 2003, acompanha-se mais uma luta pelos veículos de comunicação: a construção do Multipalco. Ambas as lutas estão associadas à imagem de uma personagem conhecida do meio artístico e do público: Eva Sopher, Presidente da Fundação Theatro São Pedro.

Diante disso, como seria possível aproximar o público da centenária história do Theatro São Pedro? Em 2008, ano dos 150 anos do TSP foi criado um espaço museológico com o intuito de informar os principais fatos ao longo da trajetória desse patrimônio cultural. Contudo, questiona-se como uma empresa de comunicação pode construir um memorial e utilizar disso para aproximar sua marca à imagem de outra instituição. Outra questão é qual a relação dos Relações Públicas com a manutenção da memória organizacional, que é a base para se constituir uma instituição museal.

Além do objetivo geral de analisar como registros da imprensa, expostos no Memorial Theatro São Pedro, auxiliam a contar a história da instituição, foram construídos objetivos específicos, como examinar e relacionar os conceitos de história organizacional, memória e museu empresarial, valendo-se do espaço museal como uma importante mídia, que deve ser

estudada e entendida pelos profissionais de comunicação. Outro importante ponto a ser analisado é a influência do Grupo RBS no MTSP, já que o espaço foi criado pela empresa de comunicação, em 2008.

Ao demonstrar conhecimento sobre o que já foi realizado na área de interesse, esta investigação inicia com pesquisa bibliográfica e referencial, que necessitou de um processo de estudo, com revisões e acréscimos, sempre que necessário. A pesquisa bibliográfica é “um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário”. (STUMPF, 2006, p. 54)

Diversas são as justificativas que levaram à construção deste trabalho e é importante ressaltar algumas delas. Primeiramente, o estudo entre a comunicação e a memória organizacional é algo pouco explorado ainda pelos pesquisadores, mas de profundo valor, pois os profissionais de relações públicas estão em constante preservação da memória organizacional. Uma simples matéria no jornal de hoje, significa um valioso registro documental para o futuro. O *clipping*, realizado há muito tempo pelas assessorias de imprensa, mas muitas vezes esquecidos pelos pesquisadores acadêmicos, é um trabalho que auxilia na construção do resgate histórico empresarial e hoje conta com a ajuda da tecnologia para aprimorar e facilitar esta tarefa.

O Theatro São Pedro é ainda o local onde o autor deste trabalho estagiou de julho de 2010 a julho de 2011 e foi contratado como assistente de comunicação em agosto de 2011, trabalhando no setor de comunicação social e assessoria de imprensa, o que auxilia na compreensão histórica da instituição. O distanciamento necessário para uma análise crítica do processo comunicacional do Memorial Theatro São Pedro foi respeitado, pois o autor não trabalha diretamente neste setor e não teve contato com o processo criativo do acervo histórico, nem com atualizações das informações da mostra.

Para atender aos objetivos propostos, o trabalho foi estruturado em sete capítulos, incluindo a introdução e a conclusão como primeiro e último capítulo, respectivamente. No segundo capítulo, Museu, é descrito o que são considerados museus e a Museologia no país, uma ciência recente e fundamental para os desdobramentos da importância da preservação histórica. Esta ciência deve ser considerada pelos profissionais da Comunicação Social, principalmente com habilitação em Relações Públicas, visto que o museu é uma mídia, e são os grandes responsáveis pela construção da memória organizacional. Na última parte é

descrita a diferença entre museus e memoriais, instituições semelhantes que tem como base a Museologia.

No terceiro capítulo, um assunto comum para estudantes de Relações Públicas: história organizacional. Visto que, estar em sintonia com a memória da instituição é uma necessidade do profissional da comunicação. Dessa forma, é apresentado, neste mesmo capítulo, o trabalho de construções de memoriais organizacionais, na grande maioria com o envolvimento do Relações Públicas da empresa. A história de uma instituição pode ser contada por diversas formas e meios, inclusive por registros da imprensa, por meio de recortes de páginas de jornais, como é caso do nosso objeto de estudo. Para isso, abordamos os conceitos e a importância de uma ferramenta de trabalho muito usada na assessoria de imprensa: o *clipping*.

A quarta parte apresenta a história do Theatro São Pedro, o mais antigo teatro da capital gaúcha e referência de patrimônio histórico cultural. A casa, que completa 154 anos em junho de 2012, é testemunha do desenvolvimento da cidade e é uma das poucas sobreviventes do constante descaso público com a memória. Motivo de orgulho e ostentação, o teatro foi aos poucos consumido pelo tempo e interditado, nos anos de 1970, pela condenação da estrutura física. Por sorte, uma verdadeira reconstrução do prédio trouxe de volta a arquitetura neoclássica de um dos principais palcos do Estado. Hoje, o TSP é mantido e administrado pela Associação Amigos do Theatro São Pedro, detentora de um projeto que visa construir no terreno ao lado, um grande complexo cultural, denominado Multipalco.

O capítulo cinco aborda uma programação que seria temporária, mas que se tornou permanente: o Memorial Theatro São Pedro. No subsolo do teatro, em um espaço com quatro salas, a história da instituição é contada por uma exposição de fotos, registros de jornais, objetos e murais explicativos.

A análise dos registros de imprensa, por meio dos recortes de jornais expostos no Memorial Theatro São Pedro é apresentada no sexto capítulo. Nesta etapa, a soma dos conteúdos teóricos possibilita delinear algumas percepções, com a análise das seguintes subcategorias: período histórico, manchetes e enfoques.

Por fim, ao encerrar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) buscou-se sintetizar os principais caminhos traçados ao longo do trabalho. A responsabilidade histórica está intrínseca aos profissionais de Relações Públicas. A ferramenta em questão, o *clipping*, é apenas um dos catalizadores de um resgate da memória da organização, servindo como um instrumento para narrar à história da instituição.

2 MUSEU

Segundo Gomes, a palavra museu vem do latim *museum*, que por sua vez é derivado da língua grega antiga *mouseion*, que era um templo das musas, deusas da memória.

Mais tarde, na época da Dinastia Ptolomaica, Ptolomeu II, Filadelfo mandou construir em Alexandria um edifício a que chamou “Museu” e que foi dedicado ao desenvolvimento de todas as ciências e servia, além disso, para as tertúlias dos literatos e sábios que ali viviam, sob o patrocínio do Estado. Naquela instituição foi se formando, gradativamente, uma importante biblioteca. (2010 p. 859)

Os museus se tornaram populares no mundo todo e servem para guardar a memória de um povo por meio de objetos, livros, joias, obras de arte, cadáveres entre outros legados. O Comitê Internacional de Museus (ICOM), em 1956, considerou museu, segundo Henriques (2010), um estabelecimento de caráter permanente com a finalidade de conservar; estudar; valorizar de diversas maneiras o conjunto de elementos de valor cultural, como coleções artísticas, históricas, científicas e técnicas. Sendo assim, o museu é uma instituição que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe a história de uma sociedade e de seu entorno.

O Estatuto de Museus define e classifica as instituições museológicas brasileiras e expõe no artigo 1º suas disposições gerais:

Consideram-se museus, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009)

De acordo com a lei, as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território, visando o desenvolvimento cultural, socioeconômico e à participação das comunidades é livre, como podemos ver no Estatuto de Museus. O artigo 7º introduz o regime aplicável aos museus e declara: “a criação de museus por qualquer entidade é livre, independentemente do regime jurídico”. Com isso, um espaço museal pode ser criado para que empresas e instituições possam contar a sua história. São os chamados museus ou memoriais empresariais, que veremos mais tarde, no capítulo denominado História Organizacional.

Para Rússio (1984), entender a Museologia como apenas a ciência dos museus é como associar medicina à ciência dos hospitais, ou a pedagogia como ciência das escolas. O museólogo atua em diversos tipos de instituições que trabalham, direta ou indiretamente, à proteção, documentação, conservação, preservação, pesquisa e difusão do patrimônio da humanidade, tais como museus, centros culturais, institutos de pesquisa, centros de documentação e informação, universidades e escolas, bem como prestar serviços técnicos e de consultoria especializada em diversos espaços organizacionais.

Nos últimos anos, a Museologia vem sendo entendida como o estudo da relação específica do homem com a realidade. Segundo Chagas (1996, p.31), é uma disciplina que estuda a relação “entre o homem/sujeito e os seus objetos/bens culturais num espaço/cenário denominado museu (institucionalizado ou não)”.

No Brasil, o estudo de museus ainda é recente e tem, muitas vezes, profissionais da História e da Comunicação Social trabalhando neste setor. Muitos deles não discutem na graduação o museu no sentido de organizá-los, dirigi-los, classificar e restaurar seus objetos, o que reforça a necessidade de um curso superior de Museologia.

2.1 A Museologia no Brasil

Segundo o site do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), dos 5.565 municípios brasileiros, cerca de 80% não tem museu. Levantamento feito ainda pelo Ibram mostra que em todo o país o número de instituições chegam a 3.025, distribuídas em 21,1% dos municípios brasileiros, a maioria com população acima de 100 mil habitantes. Canclini (2008) já fez referência à quase ausência de museus nos países da América Latina. Uma herança, segundo ele, da relação com o passado e do contexto no qual se realizam as tentativas modernizadoras, o que revela um descaso com a memória.

O primeiro museu surgiu no Brasil ainda no período colonial, associado à ideia de coleções exóticas, como exemplares da fauna, flora, minerais e objetos indígenas. A primeira instituição brasileira foi a Casa de História Natural, no Rio de Janeiro, conhecida também como Casa dos Pássaros, devido à grande quantidade de aves empalhadas que possuía. Esse primeiro núcleo museal atendia aos interesses portugueses, que pretendiam enviar à Europa todo tipo de objetos relacionados à Colônia. Como conta Machado, essa era uma importante instituição, “precursora do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na qual os espécimes eram preparados, montados, classificados e enviados à metrópole” (2005, p. 138).

Em 1813, o Príncipe-Regente D. João VI mandou extinguir todos os cargos da Casa de História Natural e seus móveis e produtos de mineralogia foram para a Academia Real Militar. Somente em 1818, foi criado o Museu Real do Rio de Janeiro, hoje Museu Nacional, que incorporou aquele acervo da Casa dos Pássaros.

O Museu Real foi considerado a primeira instituição científica brasileira ligada à antropologia, etnografia, botânica, mineralogia, zoologia e geologia. A instauração da instituição museu no Brasil obedeceu aos mesmos trâmites da sua formação na Europa: dos gabinetes restritos a poucos, ao museu que atende aos anseios de uma ideologia do estado nacional, ou seja, a grande parte da população não tinha acesso à rica história de cada um dos itens catalogados. Com a proclamação da República, o Museu Real passou a se chamar Museu Nacional, um dos mais importantes acervos da América Latina.

A importância de estudar os museus é de grande valia e a primeira Escola de Museologia do Brasil foi criada em 1932, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), o mais antigo curso de museus da América do Sul, e está intrínseco à criação do Museu Histórico Nacional (MHN), inaugurado em 1922. Iniciou como um curso técnico com a duração de dois anos e com objetivo de habilitar profissionais para ocupar o cargo de 3º Oficial do MHN.

A preocupação com a criação de museus no Brasil era muito baixa em todo o século XIX, restringindo-se às instituições voltadas quase que exclusivamente à História Natural e a institutos históricos e geográficos regionais. A partir das décadas de 1920 e 1930, os museus alcançaram uma dimensão maior com o desenvolvimento de uma política e ideologia de tendências nacionalistas. As instituições museológicas passaram a ser encaradas sob outra ótica, como instrumentos de status, poder e ufanismo de um novo Estado que se “inventava” e que se “forjava”, tendo a Revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas como marco fundamental. A partir deste período nota-se um considerável impulso na criação de instituições museológicas, tendo o Curso de Museus no Rio de Janeiro como o principal e único centro nacional de formação de técnicos-conservadores. A maioria das instituições, abertas nesta época, são de caráter público, sobretudo no âmbito federal.

Entre os anos de 1942 a 1969, o curso de Museus começou a receber bolsistas de outros Estados, patrocinados pelos governos estaduais. Após a formação, estes alunos retornavam aos seus Estados de origem para aplicar os ensinamentos técnicos que haviam adquiridos no curso. Em 1944, o curso passou de dois para três anos de duração e implantou as habilitações Museus de História e Museus de Arte. Outro marco ocorreu em 1951, quando

a universidade conferiu ao curso mandato universitário e em 1974 sua duração foi ampliada para quatro anos.

Em 1985 criou-se o Conselho Federal de Museologia (COFEM) e os Conselhos Regionais de Museologia (COREM) com a finalidade de fiscalizar o exercício da profissão e as instituições. No Rio Grande do Sul, o primeiro curso de Museologia foi criado em 2006 pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)¹.

Em 2008, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) abre suas portas para a primeira turma do curso de Museologia, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico). O curso de Bacharelado em Museologia tem duração de quatro anos e segundo o *site* da Universidade² “propõe formar profissionais para atuar no campo da Museologia, contribuindo para a construção da cidadania, por meio da difusão e da preservação da memória, do patrimônio e da cultura das sociedades”. Uma observação interessante é o curso estar na mesma faculdade das habilitações da Comunicação Social. Dessa forma, ambos os profissionais tem a chance de um diálogo estreito, possibilitando estudos que aproximem essas duas áreas, como é o caso desta monografia.

Como podemos observar, o curso de Museologia é novo no Rio Grande do Sul e sua criação está ligada à valorização dos centros históricos culturais. Mesmo com a implantação do curso em duas importantes universidades do Estado, não supri as necessidades deste profissional em nossa região, visto a quantidade de patrimônios culturais, museus e projetos de acervos históricos. O próximo passo é a implantação da graduação de Museologia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), também segundo o *site* da Fabico.

Outro avanço na área, que chama a atenção, é a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), em 2009, durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A nova autarquia, vinculada ao Ministério da Cultura, sucedeu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) nos direitos, deveres e obrigações relacionados aos museus federais. O órgão é responsável pela Política Nacional de Museus, por meio do Estatuto de Museus, visando a melhoria dos serviços do setor, aumento de visitação e arrecadação dessas instituições, fomento de políticas de aquisição e preservação de acervos e criação de ações integradas entre os museus brasileiros.

O reconhecimento da Museologia como uma ciência que necessita de uma constante pesquisa está sendo elaborada, mesmo que de uma forma atrasada em nosso Estado. Seu

¹ UNIVERSIDADE Federal de Pelotas. Museologia. Encontrado em: http://www.ufpel.edu.br/prg/graduacao_museologia.php Acesso em: 23 de abril de 2012.

² UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Sul. Museologia. Encontrado em: <http://www.ufrgs.br/fabico/ensino/graduacao/museologia> Acesso em: 23 de abril de 2012.

estudo é multidisciplinar, permitindo a busca de referências da História, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Arquivologia, Biblioteconomia e principalmente, Comunicação Social, como será visto neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

2.2 O museu enquanto mídia

Grande parte do curso de Comunicação Social estuda as mídias se detendo aos seguintes veículos: rádio, televisão, jornal, revista e internet (sites, blogs e redes sociais). Entretanto, o museu é uma das mais antigas mídias e, nos últimos tempos, é um importante instrumento de comunicação dirigida para organizações públicas e privada apresentar a história organizacional e a importância social ao longo de uma trajetória.

O termo mídia se refere aos meios de informação e de notícias em geral. A palavra mídia é o vocábulo transcrito da pronúncia inglesa para o plural latino de *medium*, que tanto em latim quanto em inglês se escreve *media*, que significa meios. Segundo Souza (2010), para o campo das teorias da informação, mídia é a mediação, entre emissor e receptor de uma mensagem, dada a impossibilidade de comunicação direta, servindo como suporte para ampliar e atingir uma variedade indefinida de receptores. Para as ciências da comunicação, as mídias são entendidas como diferentes suportes técnicos dos processos comunicativos, como meio de comunicação que se estende no tempo e no espaço ultrapassando os contextos da simples interação face a face.

Atualmente, com novos tipos de mídia e o crescente avanço tecnológico, a informação é alcançada em poucos minutos. A internet é uma poderosa ferramenta de conhecimento e pesquisa, contudo, as outras mídias não foram substituídas. Ao contrário, no caso dos museus, encontra-se em constante reconhecimento no campo acadêmico e de mercado, e tem vasta importância para a comunicação.

As transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, impulsionadas pela revolução tecnológica, nos fazem pensar em mudanças de paradigma para a Museologia, uma vez que o museu não pode ser encarado apenas como um espaço para guardar curiosidades ou, ainda, para expor obras de arte e, muito menos, pode ser considerado depósito onde se amontoam bens e objetos do passado. O museu precisa ser algo vivo e, assim, despertar no observador a vontade de apropriar-se e com ele se encantar. (FAY, 2010, p.73)

A aproximação entre a Comunicação Social e a Museologia, no presente trabalho, vem pela necessidade de analisar como as Relações Públicas auxiliam na construção da memória das organizações. Como desafio, construir um espaço museológico e transformá-lo em uma

atrativa mídia para que o público tenha identificação com a história do local e que ensine e o remeta para o passado, como relata Torresini:

Defende-se a ideia de que na visita a um museu histórico, através do material exposto, o visitante entra em contato com sua capacidade de construir imagens do passado, ampliando a capacidade de imaginação, habilidade indispensável à compreensão dos movimentos da história e à fixação dos conteúdos necessários ao aprofundamento do conhecimento sobre o passado humano. Acredita-se que o desenvolvimento da imaginação histórica auxilie na aprendizagem, na pesquisa e no ensino da História. (2010, p. 39)

A partir da visita no espaço museal, o público entrará em contato com uma memória, mesmo não vivenciando tal fato. É impossível falar de história sem falar de memória, ambas estão intrinsecamente ligadas e são usadas, muitas vezes, como sinônimos. A memória pode ser classificada em quatro diferentes tipos, segundo Chauí (1999): memória perceptiva (que nos permite reconhecer objetos, pessoas, lugares e que é indispensável para nossa vida cotidiana); memória social ou histórica (que é fixada por uma sociedade por meio de relatos, registros, documentos, monumentos, datas e nomes de pessoas, fatos, lugares que possuem significados para a vida coletiva; excetuando-se os mitos, que são fabulações, essa memória é objetiva, pois existe em signos, instrumentos, ornamentos e muitas outras formas); memória biológica da espécie (gravada no código genético das diferentes espécies de vida e que permitem a repetição da espécie); e a quarta e última é a memória artificial das máquinas (baseadas na estrutura simplificada do cérebro humano).

Para Barbosa (2008) a história não pode ser confundida com memória. Enquanto a primeira é uma disciplina que utiliza, inclusive, da memória como possibilidade de acesso ao passado, a memória é uma habilidade em constante luta contra o esquecimento. Para isso, são utilizados documentos, objetos e livros que percorrem gerações em busca de eternizar uma história.

Em primeiro lugar, a memória produz a autenticidade do testemunho como algo vivido no passado. O testemunho dá ao portador daquela reminiscência a autoridade de ter presenciado algo que acontece e que pode trazer de volta. Mas para a história o passado chega, sobretudo, através do que está inscrito (documento), indicando a presença imortalizada do passado. O documento possui valor inquestionável. (BARBOSA, 2008, p. 236)

Torresini (2010) pensa a memória como um trabalho de reconstrução do passado de um narrador. Por isso a memória é o presente na medida em que ela é revivida com os materiais do que está na consciência presente do narrador: imagens, palavras, sentimentos e experiências atualizadas. Para Meneses (1987) a memória diz respeito mais ao presente que

ao passado. “Exilá-la no passado é deixar de entendê-la como força viva do presente. Sem memória não há presente humano, nem tampouco futuro. A memória gira, portanto, em torno de um dado básico do fenômeno humano, a mudança” (p. 115).

Como qualquer mídia, os museus também exercem poder e sua identidade é construída de acordo com os interesses do que se quer mostrar, esse é o discurso de Scheiner (2009) e que é de extrema importância para qualquer análise de um museu organizacional:

A identidade de cada museu estará, portanto, estreitamente vinculada à identidade social e política dos grupos culturais que o criaram e mantém, bem como à capacidade desses grupos de atuar cada museu – e também o patrimônio – como instância de significação social. (p. 46)

No âmbito da história empresarial, é relevante perguntarmos o que é selecionado no campo da memória pelos gestores que formam a direção da organização. Além disso, em que espaços, momentos e condições são feitas essas seleções de memória. No caso do nosso objeto de análise, o Memorial Theatro São Pedro (MTSP), veremos o Grupo RBS, um das maiores empresas de comunicação do Estado criando esse espaço museal e exercendo influência ao aproximar a história do teatro centenário com a cidade e a participação do Jornal Zero Hora na cobertura de acontecimentos históricos.

Sendo assim, observamos que a mídia museu utiliza de outras mídias, como recortes de jornais, no caso do MTSP, para informar a história da instituição. Uma primeira distinção se impõe se quisermos tratar dessas questões, segundo Charaudeau (2010, 15), que analisa as mídias da seguinte forma: “‘informação’ e ‘comunicação’ são noções que remetem a fenômenos sociais; as mídias são um suporte organizacional que se apossa dessas noções para integrá-las em suas diversas lógicas”.

A utilização de registros da imprensa em museus é algo muito comum e confere credibilidade à história que se quer contar. Segundo Charaudeau (2010), a imprensa é essencialmente uma área escritural, feita de palavras, gráficos, desenhos e imagens fixas, sobre um suporte de papel, que convence e se torna referência histórica com muito mais poder que as palavras. “A escrita desempenha o papel de prova para a instauração da verdade, o que não é possível para a oralidade, não recuperável e aparentemente mais efêmera”. (p. 113)

A seleção de qualquer registro deve ser organizada e exposta de forma que a narração seja compreendida pelos visitantes do museu. “Uma vez selecionados os acontecimentos, as mídias os relatam de acordo com um roteiro dramático” (CHARAUDEAU, 2010, p. 254). É o que podemos observar em museus ou memoriais empresariais, com objetivos de aproximar o público da história da marca, construindo uma poderosa relação afetiva entre a organização por toda sua trajetória e benefícios que trouxe à sociedade.

Alguns desses espaços são chamados de museus, outros de memoriais. Ambos pertencem à Museologia, possuem características semelhantes, mas diferem em sua essência. A seguir, buscou-se contextualizar esse fenômeno, o memorial, que se confirma como um suporte para a divulgação da história organizacional.

2.3 A DIFERENÇA ENTRE MUSEU E MEMORIAL

A partir de pesquisas no âmbito dos contextos histórico-sociais e culturais em que os museus foram constituídos ao longo dos últimos anos, é notória a diversidade de questões a serem repensadas, ampliadas e adaptadas à realidade atual. Um seguimento museal, mas que não chega a ser classificado como museu, são os memoriais. A discussão sobre a diferença de museu e memorial é importante visto que o objeto de estudo deste trabalho é o Memorial Theatro São Pedro.

Segundo AXT (2011) museu e memorial se comunicam, mas são instituições diferentes. O museu pressupõe necessariamente a existência de um acervo, enquanto o memorial pode ser formado sem necessariamente ter um acervo documental e material consolidado, pois é construído por meio da estratégia de interpretação e consulta de acervos já existentes.

O memorial é um espaço físico que atende interesses de divulgação, conservação e valorização de uma memória específica de determinada instituição. A função desses locais é prestar uma homenagem e contar uma história específica de alguma época, personalidade ou instituição. Os memoriais funcionam, em sua grande maioria, como grandes centros culturais, sendo cenário para as mais diferentes atividades artísticas, como música e artes plásticas.

O impasse é que a construção de um memorial é semelhante a de um museu, ambos dependem de acervos, bibliotecas e dos centros de arquivo. Utilizamos das teorias da museologia para estudarmos esse local, pois são instituições ou organizações sem fins lucrativos que exercem atividades de investigação, educação, informação e outras relacionadas a esta ciência, ou seja, ele pertence à museologia, mas se difere dos museus, pois sua construção é menos rígida que a de um museu. Por isso é importante deixar bem claro essas sutis diferenças e não usarmos os dois como sinônimos,

A Museologia vem firmando os alicerces do seu caráter científico a cada dia, e esse aspecto pode, inclusive, ser exemplificado com relação à atualização de algumas definições para promover os interesses da área e de outras disciplinas relacionadas com a gestão e as

atividades dos museus. Além dos “museus” designados como tal, os memoriais são espaços de trabalho nos quais museólogos colocam em prática seus conhecimentos, possibilitando aos profissionais trabalharem com a investigação dos domínios da museologia, da educação e da informação.

Assim como os museus, os memoriais também são mídias, e como se diferem por ser em sua grande maioria um espaço museal que conta a história de uma instituição específica, fica mais evidente que a construção desse espaço será tendenciosa, uma vez que o curador terá que selecionar etapas da vida organizacional para história uma história que emocione e atraia o público visitante. O Museólogo Jorge Barcellos escreveu em crônica no jornal *Correio do Povo*³ que esse fenômeno está presente em todo o campo da museologia, e diz que: “atrair público para os museus entrou em sua fase concorrencial: ganha quem fizer as exposições que impressionem mais os sentidos. Entramos na era do megaevento, era do museu-espetáculo” (2011).

Segundo esse autor, a exposição deve estimular a reflexão. O espaço museal pode utilizar mídias e tecnologias, mas servir como suporte à educação. O que é visto é o uso dessas ferramentas como recursos que visam à fascinação do público e a estimulação de seus sentidos em detrimento da relação com o saber.

Desde que Andréas Huysssein apontou para o fato de que os museus estão cada vez mais se tornando parte da indústria cultural, museólogos e historiadores se defrontam com o problema de como construir suas exposições e para que fins. Na era das massas, fotografias originais do passado dão lugar a plotters adesivados imensos, objetos originais cedem espaço a réplicas. Por todo o lado vemos a substituição de modelos tradicionais de produção museológica por modelos ditos “modernos”. (BARCELLOS, 2011, p.1)

Em outras palavras, Barcellos critica a espetacularização que é vista nas mais recentes exposições, o que desperta discussão entre os profissionais de variadas áreas como da museologia, comunicação, psicologia, educação, entre outros. Ir ao museu antes era sinônimo de aprender, hoje, além disso, também tornou-se de entreter.

A partir do que foi refletido neste capítulo, faz-se necessária uma abordagem mais aprofundada sobre o que vem a ser a história organizacional e os reflexos na construção de um memorial. Além disso, as Relações Públicas trabalham diretamente com o *clipping*, um instrumento da assessoria de imprensa, que no caso do presente trabalho, será focado apenas

³ BARCELLOS, Jorge. Museus e exposições. Encontrado em: <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=116&Numero=235&Caderno=0&Editoria=108&Noticia=296411> Publicado em 23 de maio de 2011. Último acesso em: 27 de maio de 2012.

nos jornais impressos, e como que se transformam em objeto de uma exposição, para que futuramente se possa contar uma história.

3 RELAÇÕES PÚBLICAS E HISTÓRIA ORGANIZACIONAL

Compreender a vida de uma organização por meio de uma linha do tempo permite analisar os momentos de fracasso, sucesso, tentativas, frustrações, inovações, entre outras ações que envolvem o cotidiano da instituição. Memória e História organizacional são todos os fatos relevantes que influenciaram e influenciam sua operacionalidade. Apesar de parecer um conceito simples, nem todas as organizações conhecem a necessidade e a relevância do autoconhecimento por meio de sua história.

Entender a história organizacional promove o entendimento de suas origens e desvenda o seu legado para a comunidade, encontrando novos caminhos para mudar, sem perder a consciência de sua verdadeira identidade, mantendo os diferenciais da marca. A memória organizacional é discutida no contexto social por Nassar da seguinte forma:

As organizações são percebidas, lembradas e narradas de inúmeras formas pela sociedade, pelos mercados, pelos públicos e pelos indivíduos. Uma das formas mais importantes é definida pela história e pelas diferentes formas de memória dessa história que os protagonistas sociais têm das organizações como um todo e também em suas expressões individuais. As organizações, como os indivíduos, não existem fora da sociedade e, assim, são participantes, mesmo na omissão, dos acontecimentos sociais. (2008, p. 117)

Dentro da perspectiva desse autor, a cultura, os símbolos, os heróis, a identidade e a comunicação são o conjunto de elementos que formam a imagem de uma instituição, sendo os grandes pilares para a construção da memória. A história de uma organização é a narrativa estruturada a partir de memórias individual, social ou organizacional. Assim, ela é uma narrativa possível entre tantas outras que podem ser construídas. O importante é entender que essa construção é feita a partir do que foi e do que é relevante para cada grupo que coleta a história.

Assim como a memória humana, a memória empresarial também é seletiva, pois se escolhem algumas das experiências mais relevantes e os fatos marcantes, positivos e negativos, ou apenas os positivos, depende da estratégia que se quer adotar. É preciso conservar a memória de uma instituição, para que um dia se possa buscar informações capazes de contar a história de uma determinada organização.

Um dia é preciso contar a história das organizações. Mas, antes, disso, é necessário conhecê-la e, mais do que isso, entendê-la, para extrair

conhecimento, sabedoria e visão relacional e comunicacional estratégica do rico material que elas oferecem. Existe inteligência e técnica para tanto. Basta apenas que se tenha disposição e determinação para restabelecer a substância dos pilares históricos da empresa ou da instituição, resgatar sua história, ressaltar as soluções encontradas diante dos tantos obstáculos que surgem ao longo do caminho, desenhar um mapa de DNA, identificar as características particulares do organismo e preparar-se adequadamente para o futuro. (NASSAR, 2008. p. 138-139)

Selecionar as etapas para apresentar em uma linha do tempo e conectá-las tem uma influência direta com o presente da organização, pois mesmo ao pensar o passado, o curador remete ao presente e o que a empresa representa para a sociedade. Existem para isso, profissionais especializados, como museólogos e historiadores, para a curadoria do acervo documental e os processos de catalogação e armazenamento dos materiais, de maneira que possam ser disponibilizados e consultados da melhor forma possível. Contudo, nem sempre essa é a realidade, pois profissionais de outras áreas acabam sendo os curadores de muitos memoriais organizacionais. Como exemplo, o objeto de estudo do presente trabalho: o Memorial do Theatro São Pedro. Sua realização foi feita pela maior empresa de comunicação do Estado, Grupo RBS e a curadoria por Maria Cultura, uma agência de comunicação social voltada para a divulgação de eventos culturais.

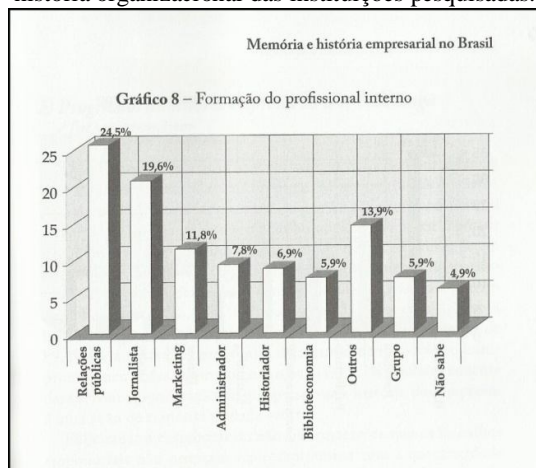
Segundo Maricano (2008) a Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) acrescenta há alguns anos a Memória Empresarial como um instrumento de gestão, com finalidade de promover a discussão e incentivo acadêmico. No Brasil, o estudo nesse campo ainda é novo e merece maior desdobramento e atenção entre os profissionais de comunicação. Nassar (2008) afirma que a maior dificuldade encontrada, ao levar adiante sua pesquisa, foi a quase inexistência de referências sobre os vínculos entre o campo das relações públicas e o da história organizacional.

O controverso é que embora haja falta de pesquisas na área, os profissionais da comunicação são os maiores responsáveis pelo resgate da memória institucional, como mostra o estudo de Nassar (2008). No final de sua obra, o autor apresenta os resultados de uma pesquisa feita com 119 empresas que atuam no Brasil. Uma das principais categorias tem como levantamento saber a formação do responsável pela memória e história da empresa. O resultado é o seguinte:

No gráfico 8, vê-se que nas empresas entrevistadas 24,5% dos profissionais responsáveis por projetos de história empresarial eram graduados em relações públicas, seguidos pelos jornalistas (19,6%) e por profissionais de marketing (11,8%). Essa informação sinaliza que os programas de história empresarial, por lidarem diretamente com a imagem institucional da organização, contemplam as funções atribuídas à comunicação, especialmente às relações públicas. No entanto, esta é uma área que

chamamos de “mestiça”, reunindo até mesmo pedagogos, antropólogos, musicólogos, arquitetos, cientistas sociais, advogados, psicólogos e economistas, que também estão representados na pesquisa, na categoria “outros”, com 13,9% da amostra. (p. 166)

Gráfico 1: Gráfico 8 de Nassar. Revela os profissionais de relações públicas como os maiores responsáveis pela história organizacional das instituições pesquisadas.



Fonte: (NASSAR, 2008, p. 167)

O gráfico 1 mostra um importante resultado de Nassar que confirma a necessidade da multidisciplinaridade do curso, não só de Relações Públicas, como de todas as habilitações da Comunicação Social. Como podemos observar, os profissionais de relações públicas são os maiores responsáveis pelo resgate histórico e estão envolvidos, na grande maioria das empresas pesquisadas, na criação de espaços museais – memoriais - das instituições.

A construção de um memorial organizacional é um planejamento de mídia adotado por muitas instituições e são apresentados vários exemplos na obra de Nassar (2008). Com isso, abre-se um espaço para a discussão e reflexão da importância da construção histórica organizacional e o papel das relações públicas nesta área de atuação.

Com a disponibilização de espaço interativo, onde o visitante pode ter contato com a realidade da organização, sua trajetória na cidade, no país, ou até mesmo no mundo, é possível ressaltar as principais fases pelas quais a entidade vivenciou, como conquistas, ameaças de mercado, evolução tecnológica e tantos outros aspectos interessantes. Para os profissionais da comunicação, o espaço deve ser explorado como veículo de comunicação dirigida aproximativa, em que programas especiais podem ser desenvolvidos com

*stakeholders*⁴ da organização, como visitas programadas de formadores de opinião, da imprensa, de escolas e tantos outros.

Maricano (2008) classifica os museus e memoriais empresariais como veículos de comunicação dirigida aproximativa, enquanto na obra de Fortes (2003) eles estão representados como veículos de comunicação dirigida auxiliar. Segundo o primeiro autor, a comunicação dirigida aproximativa permite uma relação direta entre a instituição e o público, que estará inserido no universo interno da organização. Isso permite criar um vínculo afetivo e emocional entre o público e a empresa por meio do fascínio estabelecido entre a história da marca atrelada ao meio social no qual atua. Também são estreitadas as ligações com os públicos já identificados e é capaz de aproximar aqueles que nem conheciam a marca, por meio de uma comunicação eficiente entre a história e o visitante. Já para o segundo autor, espaços museológicos estão enquadrados em comunicação dirigida auxiliar, pois abrangem o conjunto dos recursos audiovisuais e sofisticadas tecnológicas.

Um museu empresarial permite expor várias mídias simultaneamente, como fotografias, recortes de jornais e revistas, sons, filmes, entre outros, envolvendo os convidados por inúmeros estímulos. Se empregados da maneira correta, ou seja, sem ruído na comunicação, o conjunto das informações passa a ter um perfeito entendimento de cada fase da organização, construindo um discurso baseado no apelo emocional, construído na exposição.

Nas relações com os públicos, a comunicação dirigida tem caráter complementar, e seus meios significam um apoio para que a organização realize os registros de sua história e dos seus processos de trabalho. Mesmo classificando as instituições museológicas como veículos de comunicação auxiliar, acho importante ressaltar o que Fortes diz a respeito dos veículos de comunicação aproximativa:

Ao empregar-se os diversos tipos de veículos de comunicação dirigida aproximativa, combinados com os demais veículos dirigidos, o que se pretende é dar oportunidade para que as informações fluam nos dois sentidos, empresas/grupos de interesse e público/empresa, pressupondo o acompanhamento e a união de todos nesse procedimento de Relações Públicas. (2003. p327 – 328)

Essas palavras traduzem o objetivo dos memoriais organizacionais, que é oportunizar ao público visitante conhecer a história da organização e se aproximar da instituição de uma forma concreta. O museu empresarial é uma mídia a favor da empresa e de extrema

⁴ Os stakeholders são “todas as pessoas que têm interesse em relação às empresas ou organizações: shareholders (acionistas), o governo, os consumidores, ativistas, funcionários, as comunidades representativas e a mídia” (CARROLL, 1998, p. 38, apud FRANÇA, 2010, p. 1133). São públicos conectados à organização por razões de participação, investimentos, ou seja, que tem um ponto de apoio, uma reivindicação (stake) nos negócios da empresa. (FRANÇA, 2010, p. 1133)

importância à assessoria de comunicação, que deverá divulgá-lo e buscar o maior número de visitantes possível que se identifiquem com a história organizacional.

Segundo Castells (1999, p. 38-41), a sociedade tem como princípio organizacional a identidade, que é “o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais”. Reconhecemos nesta ideia a possibilidade dos profissionais da comunicação utilizarem a recuperação das memórias como processo de reconhecimento e de fortalecimento do sentimento do público em pertencer àquela realidade organizacional.

A identidade organizacional também é discutida por Nassar (2008) ao apresentar a memória empresarial como estratégia de relações públicas.

É esta dimensão (histórica) ligada à construção da cultura e da identidade organizacional que interessa aos estudos de Relações Públicas, por terem como componente o conjunto de símbolos, comportamentos e processos de comunicação que desenham a personalidade e a imagem corporativa. Sabemos que símbolos, comportamentos, personalidades e processos de comunicação das organizações constituem construções históricas, que têm como referência a sociedade (suas questões, tensões e tendências) e as ações das organizações e de seus gestores. (p. 128 - 129)

Os processos de comunicação ajudam a construir a imagem de uma organização. Por meio dela o público receberá informações e fará comparações com outras instituições. Um dos melhores métodos de avaliação é saber que imagem está sendo veiculada pela imprensa. Para isso, os profissionais de relações públicas e da assessoria de imprensa constroem diariamente um acervo histórico importante, que futuramente pode servir como instrumento do memorial organizacional: o *clipping*.

3.1 *Clipping*: um instrumento de preservação da história

Um dos trabalhos diários de uma assessoria de imprensa é analisar as notícias que foram veiculadas envolvendo o nome do seu cliente. Esse trabalho é denominado *clipping*, clipagem ou taxação.

O *clipping* é uma palavra derivada do verbo inglês, *clip*, que significa cortar, recortar. Para a produção do *clipping*, é feito um trabalho de pesquisa, seleção e coleta de reportagens veiculadas pelos diversos meios de comunicação – imprensa escrita (jornais e revistas), rádio, TV e internet. Originalmente, o *clipping* era montado somente com recortes de jornais e revistas.

Ficou no passado a ideia de que o *clipping* é mera atividade de coleta, recorte e colagem de textos. Hoje, é uma ferramenta estratégica, como apresenta Mafei (2010), que com um certo grau de sofisticação, serve para monitorar a exposição da imagem de determinadas empresas que podem se tornar clientes, parceiras ou concorrentes.

Os assessores capazes de enxergar esse potencial ainda inexplorado do clipping sairão na frente nessa profissão. Sua função para as organizações pode ser muito mais estratégica do que apenas registrar as inserções obtidas pelas assessorias nos veículos de comunicação. Contudo, a maioria das equipes de assessores continua fazendo do clipping apenas um mecanismo para mostrar o resultado do próprio trabalho. (MAFEI, 2010, p. 73)

É importante ressaltar como é feito o trabalho de *clipping* do Theatro São Pedro, a instituição que será analisada, nos próximos capítulos, seu memorial organizacional. São recebidos diariamente os quatro principais jornais da cidade: Zero Hora, Correio do Povo, Jornal do Comércio e O Sul. Qualquer notícia sobre o teatro, programação artística ou entrevistas de alguns administradores do teatro, é selecionada, cortada e colada em um livro, informando o veículo e a data da publicação.

Mesmo que este não seja hoje a melhor forma para armazenar um futuro acervo de resgate histórico, Mafei traduz muito bem este trabalho. São métodos de trabalhos que servem para facilitar um diálogo já estreitado entre alguns setores que necessitam visualizar, cada um com a sua periodicidade, o que a imprensa publicou em determinado dia sobre algum assunto específico.

Em qualquer lugar em que você trabalhe como assessor de imprensa e seja quem for seu chefe ou seu empregador, em algum momento você precisará demonstrar habilidade em lidar com procedimentos de trabalho que já forma padronizados, criado em sua maioria, para que a informação entre a assessoria, o cliente e a imprensa seja transmitida adequadamente. (2010, p. 63)

Na internet, a assessoria de imprensa recebe todos os dias um e-mail por meio do cadastramento do Alerta *Google*, um programa gratuito vinculado ao site de busca que encontra na internet palavras-chaves, como por exemplo: Theatro São Pedro. O ideal é selecionar a notícia da página da web e colar em um documento de *Word* para o *clipping* digital, informando o maior número de dados, como caminho do site e data. Já revistas, rádio e programas de televisão são taxados com menor frequência e a assessoria de imprensa geralmente pesquisa, por meio dos agendamentos de entrevistas da presidente da Fundação Theatro São Pedro ou do Coordenador do projeto Multipalco.

Para Mafei (2010) o *clipping* reúne materiais veiculados, de interesse do assessorado e ajuda o profissional da comunicação a avaliar a exposição dos concorrentes e do setor de

atuação, a imagem do cliente na mídia, com as devidas percepções de quando e por que ela se altera. Quando arquivado e catalogado como registro histórico, esses recortes da imprensa se transformam em valioso material para um memorial organizacional contar parte da história de uma instituição.

3.2 Jornal impresso

Mesmo com o avanço da comunicação digital nas últimas décadas, a venda de jornais impressos não diminuiu, ao contrário. Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), órgão responsável pela auditoria de jornais e revistas no País, a circulação de jornais apresentaram crescimento médio de 3,5% no Brasil em 2011. Segundo Espírito Santo (2007) essa é uma configuração presente em todo mundo ocidental. Mesmo que a maioria dos jornais tenham uma versão *online*, os leitores ainda são adeptos a antiga forma de contato com o papel.

A credibilidade e influência, da qual o jornal impresso exerce nas pessoas, é um fator que explica este fenômeno. A internet ainda não possui regras claras e qualquer notícia pode ser comentada e repassada para milhões de pessoas em poucos minutos, sem o devido cuidado em averiguar a veracidade dos fatos. Por isso, Brown e Duguid (2001) afirmam que o jornal impresso ainda é detentor de um *status* em termos de credibilidade que ainda falta para os veículos jornalísticos *online*. “Certamente eles possuem uma forte identidade institucional e um senso bem afiado em relação aos seus públicos” (p.158).

A construção do discurso da imprensa é, muitas vezes, discutida como a criação de um produto a ser vendido. A disputa comercial entre os veículos é evidente e muito debatida no curso de Comunicação Social, assim como a influência que cada empresa de comunicação exerce no posicionamento de questões sociais e políticas, como afirma Barreto (2002), “os produtores de informação não podem dizer ao indivíduo o que pensar, mas podem induzir sobre o que pensar.” (p.49)

Os jornais, além de veículos de transmissão de informações, são fontes de significados e interpretações da realidade. Como todo meio de comunicação, são mediadores, produtores e reprodutores de padrões sociais e culturais. A indústria da informação pode ser entendida como uma das que atendem aos indivíduos em suas necessidades para o desempenho de seus papéis econômicos, políticos e sociais, para Espírito Santo (2007).

O jornal se posiciona entre o fato, que o jornalista presencia ou reconstitui e transforma em acontecimento, e a informação, que ele transmite ao leitor em forma de notícia. O acontecimento é a matéria-prima do jornal e a

informação a forma dada aos eventos que torna o mundo inteligível ao leitor, independente da posição geográfica que ele ocupe. (p. 4)

A informação jornalística é construída na relação de interesse do leitor. Para isso, fatos e acontecimentos recebem um tratamento especial, são informações jornalísticas, mas precisam ser acima de tudo, objeto de interesse para o seu almejado consumo. Com isso, o jornal fala daquilo que está marcado para ser percebido, conhecido e sabido pela comunidade. Alsina (2009) discorre que “a notícia é uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (p.14-15). O autor classifica o Jornalismo como uma atividade especializada na construção da realidade social, que vai se somar às situações, fatos e relações já socialmente existentes e publicamente reconhecidas.

Assim como os demais meios de comunicação de massa, o jornal não funciona como uma instância neutra, é antes de tudo um veículo de “natureza ideológica e de classe, instrumento de poder público e econômico, esfera de dominação” (FRANÇA, 2002, p.485). Por trás de cada jornal há uma empresa, com ideologia própria, que retrata os acontecimentos de forma compatível aos interesses organizacionais.

Segundo Charaudeau (2010), as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público.

A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo. Mesmo a imagem, que se acreditava ser mais apta a refletir o mundo como ele é, tem sua própria opacidade, que se descobre de forma patente quando produz efeitos perversos. (p. 19)

Mouillaud (2002) discute o jornal como um veículo polêmico, que atua na instituição cotidiana de sentidos no imaginário coletivo. O discurso do jornal integra um conjunto de relações que envolvem dispositivos e técnicas que produzem sentido num contexto e momento.

O jornal diário tornou-se, na realidade, um substitutivo do espaço público, um fórum onde se escuta o eco de todas as vozes públicas, ao mesmo tempo em que tem sua própria voz. Esta dualidade está na origem das estratégias pelas quais o jornal manipula, seja por identificar-se com ele, seja por distanciar-se do mesmo, o discurso de outrem. (p. 26).

Pode-se ressaltar também que o público que é atingido por esse veículo não é apenas quem o compra, pois um único produto acaba tendo mais de um leitor, isso porque o veículo é repassado para a família, amigos e colegas. Por isso, pesquisas de opinião buscam revelar não só os jornais mais comprados, como também o mais lido.

Mesmo aqueles que não pagam pelos jornais têm contato com eles ao passarem em frente às bancas de revistas que os expõem, quando os espreitam por cima dos ombros daqueles que os lêem atentamente nos ônibus e metrô, a caminho do trabalho ou os pegam emprestado. Lêem seus fragmentos nas salas de espera dos consultórios médicos ou “passam o olho” quando eles já não têm mais o calor da notícia nova e se tornam apenas papel velho usado para embrulhar cacos de vidro. Sentem também sua força ao conversar com os que os lêem e com eles comentam as notícias. De inúmeras formas, sentem seus reflexos. (ESPÍRITO SANTO, 2007, p. 2)

Como exemplo, o objeto da análise do presente trabalho, o jornal Zero Hora, que é apontado, segundo Núcleo de RBS de Divulgação (2011) como líder tanto em circulação quanto em leitura no Estado do Rio Grande do Sul. “Além da circulação, Zero Hora é líder também em leitura: segundo dados do Ibope de outubro de 2010, o jornal tem 1,7 milhão de leitores”.

Fundado em 1964, o jornal pertence ao Grupo RBS⁵ e possui 25 cadernos segmentados e mais de 70 colunistas. No *site* oficial de Zero Hora, o leitor pode acompanhar notícias 24 horas por dia. Segundo Associação Nacional de Jornais (ANJ, 2012) foi o sexto jornal pago com o maior número de circulação em 2011 no Brasil. Além disso, o veículo ainda promove eventos de arquitetura, tecnologia, culinária, moda e educação em todo o Estado.

⁵ Fundada em 1957, por Maurício Sirotsky Sobrinho, o Grupo RBS é uma das maiores empresas de comunicação multimídia do Brasil e a mais antiga afiliada da Rede Globo. Por meio de suas emissoras de rádio e televisão, jornais (incluindo o jornal Zero Hora), portais de internet e iniciativas no meio digital, o Grupo RBS produz e distribui informações jornalísticas, de entretenimento e de serviços. Nas mídias tradicionais, é líder de mercado no Rio Grande do Sul e Santa Catarina em todos os segmentos em que atua. A partir de São Paulo, opera eventos, negócios digitais e projetos em mobile.

4 THEATRO SÃO PEDRO: 154 ANOS

O Theatro São Pedro (TSP) se constitui na grande representação cultural do Estado do Rio Grande do Sul (RS) nas artes de palco. Invicto nas duas maiores pesquisas de opinião, como o *Marcas de Quem Decide*, do *Jornal do Comércio*, e o *Top of Mind*, da revista *Amanhã*, o TSP aparece sempre em primeiro lugar como o preferido e o mais lembrado na categoria teatro.

Tombado pelo patrimônio histórico municipal, estadual e nacional, e inventariado no Projeto Monumenta, do Ministério da Cultura, tem sido referência de teatro não apenas no país, como também internacionalmente, pela excelência e magnitude das instalações oferecidas a seus expectadores e artistas, pela programação artística e das circunstâncias excepcionais de sua inserção e localização na capital do Estado do RS.

Contar a história do Theatro São Pedro é desmembrar a história da capital gaúcha. Construído em uma das principais praças de Porto Alegre, o teatro acompanhou o desenvolvimento da cidade desde que era a capital da Província de Rio Grande de São Pedro, denominação antiga do Estado, sendo testemunha de muitos acontecimentos históricos. As construções ao seu redor mudaram. Hoje o centro de Porto Alegre é composto de inúmeras edificações verticais com muitos andares, mas a centenária casa continua forte e imponente a vista de todos.

Atualmente, o Theatro São Pedro une-se a um complexo cultural: o Multipalco, uma obra de aproximadamente 18 mil metros quadrados ao lado da casa centenária. A missão do Complexo Cultural Theatro São Pedro é encantar, divertir e emocionar o público, por meio de apresentações de espetáculos teatrais, danças, concertos, shows musicais e diversificadas ações culturais, contribuindo para a universalização da cultura. A visão desse projeto, administrado pela Associação Amigos do Theatro São Pedro (AATSP), é constituir, com a conclusão das obras do Multipalco, um grande centro de referência das artes de palco da América Latina.

A seguir um breve relato sobre a história de um dos mais importantes teatros brasileiros, que em 27 de junho de 2012, completa 154 anos. Será impossível narrar cada fato dessa centenária casa, mas ressaltaremos os principais tópicos a partir de pesquisa

bibliográfica: sua programação intensa, vinda de artistas e companhias teatrais com destaque nacional e internacional, a influência da política local, inúmeras intervenções, reformas, interdição e renascimento após uma reconstrução do prédio histórico.

4.1 A memória de um palco

O primeiro teatro brasileiro foi construído em 1767, no Rio de Janeiro, quando a cidade era a capital do país. Porto Alegre foi convertida em capital da província do Rio Grande de São Pedro em 1773. Na época, segundo o historiador Axt (2008), a Praça da Matriz era conhecida como Alto da Praia, pois ficava à beira do lago Guaíba (na época, tratado como rio).

A capital gaúcha contava desde 1780 com tabladros improvisados que abrigavam modestas apresentações de teatro. A primeira casa de teatro de Porto Alegre foi inaugurada em 1790, a Casa da Comédia, que para não ser muito popular e mudar o público frequentador para uma classe economicamente superior, transformou-se, em 1794, em Casa da Ópera, atraindo a burguesia. Contudo, fecha as portas em 1833.

Desde o período colonial, os governantes alimentavam o sonho de construir um teatro que abrigasse com dignidade as diferentes manifestações artísticas, pois os teatros eram considerados na época o centro da efervescência cultural e social. Manoel Antônio Galvão, Presidente da Província, emitira uma carta de título de doação de um terreno no centro de Porto Alegre para o início das obras do Theatro São Pedro, em 1833, com projeto arquitetônico de estilo neoclássico de Filipe de Normann. Com uma população de cerca de vinte mil habitantes, Porto Alegre receberia um teatro inspirado em grandes casas de espetáculos de cidades europeias. Dois anos após o início da construção, eclodiu a Revolução Farroupilha⁶, e a obra é suspensa. Após o término da revolução, em 1845, um empréstimo dos cofres provinciais para a retomada da construção do teatro foi realizado em 1847.

Polêmicas intermináveis e a falta de recursos seguiram-se ao longo das obras por anos. Finalmente, dia 27 de junho de 1858 o majestoso prédio (Imagem 1) foi inaugurado sob a presidência de Ângelo Moniz da Silveira Ferraz, o Barão de Uruguaiana. Na ocasião, foi encenado o drama “Recordações da Mocidade”.

⁶ Também conhecida como Guerra dos Farrapos, foi a mais longa revolta de todo o Período Regencial e Imperial e ocorreu na província do Rio Grande de São Pedro (Rio Grande do Sul). A luta política interna entre liberais exaltados, denominados farroupilhas, e os moderados foi o princípio de tudo. Os primeiros eram favoráveis a uma maior liberdade administrativa para a província. Em 1835 fundou-se a República Rio-Grandense e, posteriormente, em 1839, criaram a República Juliana, em Santa Catarina, tornando-se independente do resto do Brasil. o acordo de paz ocorreu em 1º de março de 1845, e o Rio Grande do Sul voltou a ser uma província do Brasil. (COTRIM, 1998).

Imagem 1: Foto do Theatro São Pedro em 1860.



Crédito: Luis Terragno

Em 1862 o Presidente da província, Desembargador Francisco de Assis Pereira da Rocha, encampou o empreendimento e o Theatro São Pedro tornou-se definitivamente patrimônio público. O TSP é agora mais que um cartão postal do Estado, a partir de então é um instrumento do Governo. Seus administradores são indicados pelos governantes, assim como a programação artística da casa sofre influência direta dos acontecimentos políticos.

Nos últimos anos do século XIX, muitas das montagens eram encenadas por companhias teatrais e musicais estrangeiras, que transitavam entre Buenos Aires e Rio de Janeiro, construindo uma escala em Porto Alegre. Conta Damasceno (1975), que nessa época foram vinte importantes companhias vindas do exterior, estreladas por vinte e quatro atores de renome internacional. Já os espetáculos mais populares eram estrelados por montagens nacionais, com comédias de costumes, revistas musicadas, comédias burlescas, além de espetáculos de ilusionismo, bonecos artísticos, números circenses, de transformismo e de variedades.

O impacto da vinda de um grande teatro foi muito importante para o desenvolvimento cultural da cidade. Primeiro que era um teatro com variação dos preços dos ingressos, tanto a plateia e os camarotes centrais para a alta sociedade, e os camarotes laterais e as galerias com preços populares. Além disso, surgiram em Porto Alegre inúmeras sociedades dramáticas, muitas delas encenavam textos originais de autores rio-grandenses. Na década de 1880, alguns grêmios de amadores promoveram uma arte engajada, usando o teatro como instrumento para campanhas, como a abolicionista e a republicana.

O Theatro São Pedro e a vida cultural da cidade sempre sofreram influências da política local. Os conflitos que se estenderam também prejudicavam a vida teatral. Durante a sangrenta Revolução Federalista, de 1893 a 1895, viveu-se um imenso vazio na programação

artística e o palco do TSP ficou praticamente deserto. Mesmo depois do conflito, o público permanecia escondido em suas casas. Embora os grêmios voltassem a se apresentar, a plateia não comparecia. Nesta mesma época diminuíram drasticamente o fluxo de companhias estrangeiras na capital gaúcha, conta Axt (2008).

A vida cultural da cidade foi se reerguendo aos poucos nos anos seguintes. A curiosidade é que além da música e do teatro, em 1901, ocorreu a primeira exibição de uma película de cinema na capital, tendo como sala de exibição o palco do Theatro São Pedro. O advento foi recorrente até 1908, com o surgimento do Recreio Ideal, primeiro espaço destinado ao cinema em Porto Alegre.

Após crescente e efervescentes temporadas de companhias estrangeiras, eclode mais um conflito: a I Guerra Mundial. Entre 1914 e 1918.

Durante a Guerra, o velho teatro da Praça da matriz virou pau para toda obra. Abrigando de conferências a torneios de pugilismo e de luta greco-romana. Surgiram os festivais em benefício da Cruz Vermelha. E bailes. De todos os estilos. Sem falar nas formaturas. De vez em quando, uma comédia de costumes, escrita e dirigida por nacionais. (AXT, 2008, p. 44)

A quantidade e a qualidade das peças no TSP são consideradas de baixo conteúdo cultural, mesmo porque muitas das associações teatrais da cidade deixaram de existir, ou se apresentavam em palcos menores.

Aos poucos, o TSP já não era mais a única casa de espetáculos da cidade. Novos espaços surgiram com o conceito de cine-teatro e foram porta-vozes dos tempos em que o maior entretenimento era o cinema. Em 1913 surge, na Praça da Alfândega, o Guarany e em 1914 surgira o Apollo, na Praça Dom Feliciano.

Em 1927, uma grande concha acústica foi inaugurada na Praça da Matriz, ao lado do Theatro São Pedro (Imagem 2), era o Auditório Araújo Viana. Segundo o *site* da Prefeitura de Porto Alegre⁷, tinha capacidade para 1.200 pessoas na área aberta, oportunizando o acesso de pessoas de todas as classes sociais a apresentações artísticas, com entrada franca. A vinda desse espaço não concorreu com o TSP, ao contrário, a criação de outros espaços para a cultura na capital permitiu o desenvolvimento de diferentes gêneros da arte de palco.

⁷ PREFEITURA, Porto Alegre. **Auditório Araújo Vianna**. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=19, 14 de abril de 2012. Acesso em 22 de abril de 2012.

Imagem 2: foto de 1932 da Praça da Matriz com a antiga concha acústica do Araújo Viana ao lado do Theatro São Pedro.



Crédito: Acervo Theatro São Pedro.

Entretanto, com o passar dos anos, a necessidade de se construir uma sede para a Assembléia Legislativa e a ideia de que esta fosse em uma área próxima ao Executivo e ao Judiciário, influenciou na demolição do antigo auditório, sendo este transferido para o Parque Farroupilha nos anos de 1960. Fica claro a partir desse episódio que um patrimônio histórico pode ser esquecido, transferido ou demolido diante de interesses políticos, sem respeitar a importância social para a comunidade.

Enquanto isso, mesmo com os novos espaços inaugurados na cidade, o TSP continua sendo a referência cultural e o maior instrumento político do Governo do Estado. Como exemplo, três anos após a inauguração do Auditório Araújo Viana, na Praça da Matriz, estourou a Revolução de 1930, que segundo Contrim (1998), foi a revolta da Aliança Liberal (partido de Getúlio Vargas) contra a vitória roubada nas urnas, por Júlio Prestes, do PPR. Em 18 de outubro de 1930, a política é influenciadora na programação do Theatro São Pedro. Com um espetáculo patrocinado por Darcy Sarmiento Vargas, esposa de Getúlio Vargas, em benefício da assistência aos soldados engajados na marcha em direção a São Paulo e ao Rio de Janeiro. Dia 24 de outubro, depuseram o presidente Washington Luís e o poder foi entregue a Vargas, chefe político da Revolução de 1930. No dia 1º de dezembro, um espetáculo de gala homenageou o interventor recém-empossado General de Brigada José Antônio Flores da Cunha. Nesses últimos dias do ano, segundo Damasceno (1975) exibiu-se o famoso documentário em seis partes sobre a Revolução de 3 de outubro, no mesmo Theatro São Pedro.

O TSP continuou sendo palco político em 1934 recebendo o Congresso do Partido Republicano Liberal (PRL), congregando elementos dos antigos PRR e PL que antes da

Revolução de 1930 e da Frente Única Rio-Grandense, eram inimigos políticos. A realização deste evento foi um marco na redemocratização do Brasil, após a Revolução Constitucional de 1932.

Como influência direta nas produções artísticas, a ditadura que se estendeu de 1937 a 1945, implantada no Brasil pelo Estado Novo, censurava as chanchadas, gênero de humor ingênuo de caráter popular, comuns no Brasil entre 1930 e 1960. Com isso, as produções tinham que se adequar ao sistema exigido e as chanchadas no teatro sofreram uma grande decadência, segundo Axt (2008), o que possibilitou o florescimento de outros gêneros.

Durante a Segunda Guerra Mundial, registrou-se em 1942, pelo diretor do TSP, Dante Barone, a ocupação da Cruz Vermelha Brasileira, que ministrou quarenta aulas de enfermagem nas dependências do teatro, como preparação para a defesa passiva e antiaérea. Nessa época eram poucos os artistas europeus com turnês pelo Brasil. O fim do conflito, em 1945, influenciou tanto no término da ditadura de Vargas, quanto na vinda de companhias europeias.

Aos poucos o teatro foi se profissionalizando na cidade. Conta Hessel (1999), que em 1941 foi fundado o teatro do Estudante do Rio Grande do Sul e em 1950 é fundada a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), a segunda mais antiga do país, em atividade até hoje. A OSPA nasceu no TSP e passou a ser catalizadora da música erudita na cidade. Contudo, com o grande sucesso, teve que ir para teatros com maior capacidade de público, como o Salão de Atos da UFRGS.

Em 1957 a UFRGS criou o curso de Arte Dramática e mais tarde o Departamento de Arte Dramática (DAD), uma das mais respeitadas escolas de teatro do país. A partir disso, o teatro ganha forças intelectuais e surgem uma série de dramaturgos, atores e produtores locais, influenciando ainda mais na abertura de novos espaços culturais na cidade. A cidade não apenas recebe produções de outros lugares como produz e aos poucos leva espetáculos regionais a outras cidades.

Na obra de Damasceno (1975) podemos conferir que o Theatro São Pedro abrigou inúmeras companhias de teatro, música e dança, famosos no meio artístico e do grande público, como são os casos dos brasileiros Maria Della Costa, Iracema de Alencar, Nicette Bruno, Tônia Carreiro, Paulo Autran e Fernanda Montenegro. São apenas alguns dos famosos que estão nessa extensa obra e que consagra o palco do TSP como um dos mais importantes do país, por ser referência pela qualidade artística da programação.

Nos anos de 1950 o TSP passou por uma reforma. Recobriram-se os elegantes gradis de ferro dos camarotes com gesso, pinturas nas paredes e uma curiosidade histórica: em julho

de 1957, inaugurou-se a sede provisória do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) no *foyer*, permanecendo lá até 1973, quando se mudou para o Edifício Paraguai, na avenida Salgado Filho, até seguir em 1978 para a atual sede, na Praça da Alfândega, conta Axt (2008).

Nos anos de 1960 o Theatro São Pedro recebeu o impacto político da época. Com o Regime Militar, iniciado em abril de 1964, houve reflexos na programação do TSP em 1966, com a realização da última das grandes convenções partidárias que marcaram a história da política gaúcha. A Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido do governo recém-criado, escolhia seu candidato às eleições indiretas para o Governo do Estado. Em 2 de julho de 1966, mil e quinhentas pessoas lotaram a casa centenária.

Nesta mesma época, a cultura da cidade e a temporada de música erudita teve uma apreciável programação, sobretudo com a vinda de Eva Sopher para a direção da Pró-Arte do Estado. Com isso, o Theatro São Pedro esteve em ritmo acelerado de apresentações, contrapondo a manutenção da Casa, que era praticamente zero. Os cupins estavam por toda a parte e o apodrecimento da estrutura era preocupante.

Do outro lado da rua, um prédio semelhante ao Theatro São Pedro abrigava o Palácio da Justiça (Imagem 3). Era conhecido como o irmãos gêmeo do teatro, devido a semelhança arquitetônica, sendo um pouco maior que o teatro apenas. Como qualquer prédio histórico, o Palácio da Justiça também necessitava de manutenções e reformas. Contudo, a demolição para a construção de um novo e imponente prédio seria mais rentável e após um incêndio, o antigo Palácio da Justiça foi demolido para a construção de um prédio completamente diferente, ignorando os conceitos de patrimônio histórico cultural. Inaugurado em 1968, com arquitetura contemporânea, o novo Palácio da Justiça (imagem 4) segue na Praça da Matriz e conta com um Memorial no térreo, que conta a história da instituição desde o seu surgimento em Porto Alegre.

Imagem 3: Foto do Theatro São Pedro e do Tribunal de Justiça, em 1900.



Crédito: Virgílio Calegari (1900).

Imagem 4: Foto do atual Palácio da Justiça.



Crédito: Diego da Maia.

O Theatro São Pedro ao longo dos anos viu a cidade crescer, desenvolver-se e não obtinha os devidos cuidados em sua manutenção física. Infelizmente, o teatro mais belo da cidade se mostra em ruínas em pleno dia de apresentação, como narra Axt:

Em 1972, quando um componente de um refletor caiu no palco em pleno recital da violinista japonesa Nabuco Imai, concluiu-se que não era mais possível manter o teatro funcionando nas condições de precariedade em que se encontrava. Revoadas de cupins, infiltrações, banheiros infrequêntáveis. Em 1973, afixou-se na porta um letreiro: “Interditado”. (2008, p.72-73)

O jornalista Paulo Amorim assumiu o Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria da Educação do Estado, em 1975, e pediu para que a produtora cultural, Eva Sopher, assumisse a coordenação das obras de recuperação da casa centenária. Como se sabia, não era apenas uma reforma, o prédio necessitava de uma reconstrução, que nem todos do governo eram favoráveis, pois achavam inconcebível investir recursos públicos em um velho casarão em ruínas.

A obra esteve sob orientação do arquiteto Carlos Antônio Mancuso. Todo o miolo do teatro foi retirado (Imagem 5). Por anos, restaram apenas as velhas paredes entre os andaimes. Preencheram-se esses vazios aos poucos, à medida que chegavam os recursos, resgatando-se a volumetria e a notável acústica original. Vigas de aço substituíram as de madeira e instalações hidráulicas e elétricas foram inteiramente refeitas. As escadas laterais, originalmente destinadas aos escravos que atendiam seus senhores acomodados nos camarotes, deram lugar a modernas instalações sanitárias. Os gradis foram recuperados e as portas refeitas por meio de seis exemplares remanescentes. A partir de um fragmento de veludo francês, escolheu-se um veludo idêntico para as poltronas. O lustre foi inteiramente recriado pelo arquiteto, inspirado no original com 68 mangas de cristais. Concluído, ficou com quase 4 metros de comprimento e pesando cerca de 600 quilos, ganhando um mecanismo para subir e descer,

possibilitando a limpeza e troca das lâmpadas. A pintura do forro, com motivos da flora e da fauna gaúcha, foi elaborada por Léo Dexheimer, Plínio Bernhardt, Danúbio Gonçalves e Carlos Mancuso. Com a reconstrução, aumentou a área útil do teatro em cerca de 1.900 metros quadrados. Mas os recursos demoravam a chegar e a obra prosseguia com lentidão.

Imagem 5: Foto de 1975 do Theatro São Pedro em fase de reconstrução.



Crédito: Acervo Theatro São Pedro.

Em 1982 o Theatro São Pedro se transforma em fundação, possibilitando a arrecadação de empresas privadas para o desenvolvimento das obras e finalização do projeto. Sobre as fundações, Alexandrino (2010) explica:

As fundações, no âmbito do direito privado – no qual tiveram sua origem -, são definidas como a personificação de um patrimônio ao qual é atribuída uma finalidade específica não lucrativa, de cunho social. A instituição de uma fundação privada resulta da iniciativa de um particular, pessoa física ou jurídica, que destaca de seu patrimônio determinados bens, os quais adquirem personalidade jurídica para a atuação na persecução dos fins sociais definidos no respectivo estatuto. (p. 43)

Foram nove anos de esforços e pouca ajuda do governo para a conclusão da recuperação do prédio símbolo da cultura da cidade e do Estado. Axt descreve esse momento de reinauguração comparando a situação política da época, anos finais da ditadura militar no Brasil:

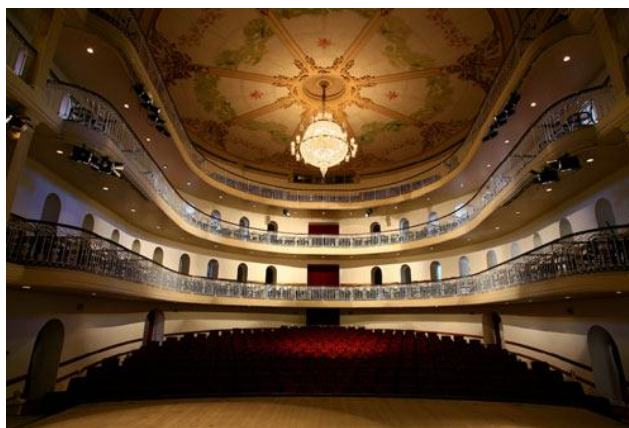
O contemporâneo e o tradicional, a tecnologia e a tradição, se uniram, em simbiose perfeita, para dotar a cidade de uma moderna e confortável casa de espetáculos, capaz de abrigar a efervescência cultural que se ensaiava no país com a abertura política. (2008, p.82)

Dia 28 de junho de 1984, Porto Alegre celebrou com grande festa a reabertura do Theatro São Pedro e contou com a presença de artistas, jornalistas, políticos e personalidades ligadas à cultura. Na primeira noite de apresentação, o discurso da Presidente da Fundação

Theatro São Pedro, Eva Sopher, abre a cerimônia, para em seguida, a OSPA, sob regência do maestro Eleazar de Carvalho, executar o Hino Nacional Brasileiro. Logo após, o maestro Radamés Gnattali dá sequência com uma composição própria, Sinfonia Popular nº1. E para o fechamento, o grupo gaúcho Cem Modos, com o espetáculo “O Julgamento do Cupim”. A escolha deste espetáculo foi a resposta encontrada por Eva Sopher às críticas que recebia, que após a reinauguração do teatro ela só traria espetáculos de fora do Estado. Além dessa provocação, a presidente teve que driblar a censura artística que o país vivia, pois a peça era contestadora e tida por alguns como subversiva.

A temporada de reabertura teve sequência com a histórica apresentação de Bibi Ferreira em “Piaf”, com quarenta e uma sessões, todas com ingressos esgotados. Estava novamente o TSP recolocado no roteiro cultural de Porto Alegre. Grandes companhias de teatro, shows, espetáculos de dança estavam de volta à antiga Casa, que volta a ser referência no cenário cultural brasileiro e um dos principais pontos turísticos da cidade. Após a reconstrução, o Theatro São Pedro recuperou prestígio e se consagra como exemplo de resgate ao patrimônio histórico, com a arquitetura neoclássica de origem (Imagem 6).

Imagem 6: Interior do Theatro São Pedro (2008)



Crédito: Marcelo Nunes.

No mesmo ano da reinauguração, o governador da época, Jair Soares, assinou portaria autorizando o tombamento⁸ do prédio. O Estado intervém nessas propriedades para preservar a memória nacional, como bens de ordem histórica, artística, arqueológica, cultural, científica, turística e paisagística. Pela lei, o TSP deve ser preservado, sem alteração em sua estrutura interna e externa.

⁸ Segundo Alexandrino (2010, p. 355) “tombamento é a modalidade de intervenção na propriedade por meio da qual o poder público procura proteger o patrimônio cultural brasileiro”. Segundo o autor, a maioria dos bens tombados é de imóveis de valor arquitetônico de épocas passadas em nossa história.

À frente da administração do teatro desde 1975, ano de sua primeira posse, Eva Sopher tem a missão de preservar esse patrimônio. Seu cargo é de nomeação pelo Governador do Estado, ou seja, já passou por dezenas de governantes e partidos políticos ao longo de 37 anos (completados em 2012). O único momento em que um governo cogitou a colocação de outra pessoa na presidência da casa foi na gestão do Governador Alceu Collares, em 1991. Um manifesto foi criado e cerca de 200 pessoas, sob a liderança da Cia de Ópera Seca, de Gerald Thomas, tendo à frente a atriz Bete Coelho, participaram da manifestação em defesa da permanência de Dona Eva. Admiradores do trabalho da gestora gritavam “fica, Dona Eva, fica” e uma grande tarja preta era posta na fachada do prédio. Os manifestantes deram-se as mãos e formaram uma corrente ao redor do teatro. Logo após o ato, que ficou conhecido como “Abraço ao Theatro São Pedro”, muitos foram ao café do teatro, onde Eva Sopher foi cumprimentada pelos amigos, reunidos numa grande mesa. A imprensa veiculou o protesto durante toda a semana e o governo recuou, a presidente do TSP permaneceu e permanece até hoje na administração do prédio histórico.

Outro marco da história recente do TSP foi a comemoração dos 150 anos, em 2008. Entre as programações especiais de junho, mês do aniversário, foi exibido o documentário Dona Eva e o Theatro, filme que conta a trajetória de Eva Sopher, desde sua vinda para o Brasil, aos 13 anos de idade para São Paulo, até a chegada com a família em Porto Alegre, em 1960, assim como o trabalho que a tornou ainda mais conhecida, frente à reconstrução do Theatro São Pedro. As semanas seguintes contaram com atrações como a companhia franco-brasileira, Compagnie Dos à Deux, a montagem Ensina-me a Viver, com a atriz Glória Menezes e com a Orquestra de Câmara Theatro São Pedro, que teve a participação como solista um dos principais pianistas da atualidade, o brasileiro Nelson Freire. Além disso, outras atividades culturais ocorreram no foyer e na antiga sede da administração, no subsolo do teatro, que após reforma, com patrocínio da empresa Petrobrás, foi inaugurado o Memorial Theatro São Pedro, um conjunto de quatro salas com uma exposição fotográfica e jornalística que contam a história da centenária casa de espetáculos.

Mesmo com outros espaços culturais inaugurados na cidade, o Theatro São Pedro é destaque pela importância histórica e qualidade artística. A maior preocupação, por parte dos administradores da casa, é manter vivo todo o trabalho que foi feito de recuperação do prédio e não deixar que o descaso público seja mais uma vez o destruidor de um dos grandes patrimônios culturais do Estado. Para isso, criou-se uma associação para administrar e auxiliar o governo, com a manutenção e preservação do Theatro São Pedro.

4.2 Associação Amigos do Theatro São Pedro

Fundada em 1985, um ano após a reinauguração do teatro, a Associação Amigos do Theatro São Pedro (AATSP) é uma entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos. Com objetivos culturais e artísticos, voltada à promoção e ao apoio das atividades do Theatro São Pedro, podemos dizer que essa associação é a administradora da Fundação, pois ela supre todas as necessidades da instituição, como a falta de funcionários e, principalmente, de recursos financeiros.

A entidade iniciou com cerca de 18 sócios e tem hoje um quadro associativo com mais de mil "amigos". É através deste espírito de solidariedade que a AATSP consegue manter o teatro em plenas condições de funcionamento. Cada contribuinte colabora com a mensalidade mínima de R\$45,00 (valor ajustado em janeiro de 2012). Em contrapartida, a instituição oferece benefícios para os associados, como telentrega de ingressos para espetáculos no TSP, descontos nos ingressos, no estacionamento e em alguns estabelecimentos comerciais, entre outros.

A AATSP promove pequenos eventos, como o Musical Petropar, que é realizado todas as quartas-feiras úteis, às 12h30min, no *foyer*, com apresentações de música erudita e popular brasileira, sempre com entrada franca. A associação desenvolve projetos como produtora, captando patrocínios para trazer espetáculos de outros Estados, oportunizando a vinda de peças consagradas para a cidade.

Um dos maiores projetos da AATSP é a construção do Multipalco, complexo cultural anexo à casa centenária que abrigará várias atividades ao mesmo tempo. Esse trabalho teve início com a percepção de que ao longo das últimas décadas, o Theatro São Pedro tem-se mostrado insuficiente, em termos de espaço físico, para atender à demanda cultural regional, estadual, nacional e internacional que recebe. Aos poucos, foram adquiridos terrenos ociosos ao lado da casa centenária, e a partir disso, pondo em prática o plano da construção de um complexo cultural, que viabilizasse a oferta de espaços físicos necessários aos múltiplos atendimentos que as atuais instalações não dão conta de abrigar, como por exemplo: espaço para orquestra; criação de um corpo de baile; atendimento de pequenos grupos de teatro, especialmente do interior do Estado; seminários; cursos; conferências e todos os demais programas complementares ao trabalho que o Theatro São Pedro vem prestando ao longo de sua existência.

Hoje o Multipalco tem inaugurada suas fachadas externas, área superior (Imagem 7) que contempla um restaurante, estacionamento, Concha Acústica (Imagem 8), salas para a administração e reuniões. A obra comporta uma área com aproximadamente 18 mil metros

quadrados, que, somada à área do Theatro São Pedro, compreenderá mais de 25 mil metros quadrados. Com esta ampliação, o teatro se tornará o maior e um dos mais significativos complexos culturais da América Latina.

Imagem 7: área superior do Multipalco, com entrada pela Praça da Matriz.



Crédito: banco de imagens da AATSP.

Imagem 8: Concha Acústica do Multipalco.



Crédito: Diego da Maia

A arquitetura do Multipalco não só preservou a estrutura do prédio original, como valoriza a centenária casa de espetáculos que é o Theatro São Pedro. Após sua inauguração completa, prevista para setembro de 2014, oferecerá uma exclusiva estrutura para os trabalhadores, artistas e espectadores das artes de palco, sejam elas relacionadas à música, ao teatro, à dança ou a toda e qualquer manifestação das artes de palco.

O projeto oferecerá à sociedade Rio-grandense, um teatro italiano (Imagem 9) – que terá capacidade para até 650 pessoas -, um teatro oficina, uma concha acústica para espetáculos ao ar livre, salas para Orquestra de Câmara e corpo de baile, salas múltiplas (Imagem 10), bar, cafeteria, restaurante, lojas, além de uma nova praça pública, que se constituirá em local de lazer e recreação.

Imagem 9: Teatro Italiano: foto da obra do Multipalco no espaço que será o Teatro Italiano, o maior palco do novo complexo. Ano de 2012.



Crédito: Rodrigo Conte

Imagem 10: Salas Múltiplas: foto da obra do Multipalco no espaço que terá Salas Múltiplas para diversas atividades (2012).



Crédito: Rodrigo Conte (15/02/2012)

Tal dimensionamento significará não só a viabilidade de expansão para o lazer, aprimoramento e fruição cultural da comunidade, como também efetivamente multiplicará a atividade econômica, ao propiciar a geração de novos postos de trabalho para uma expressiva parcela da comunidade.

A história narrada no presente capítulo pode ser vista em um espaço midiático no subsolo do Theatro São Pedro. Os 154 anos da instituição e o crescimento da obra do Multipalco estão expostos no Memorial Theatro São Pedro, desde 2008, com realização do Grupo RBS, a maior empresa de comunicação do Estado do Rio Grande do Sul.

5 MEMORIAL THEATRO SÃO PEDRO

Um fenômeno constante nas empresas é a inauguração de acervos e museus institucionais em datas comemorativas, com prazos de encerramento. No entanto, a grande maioria se transforma em um espaço museal permanente em constante atualização e divulgação da história da empresa. Foi o que ocorreu com o Memorial Theatro São Pedro (MTSP).

Em 2008, foi o ano que o Theatro São Pedro completou 150 anos, e para comemorar, várias manifestações artísticas foram destaques da programação de aniversário. Uma delas foi a inauguração do MTSP no subsolo do teatro, um museu dividido em quatro salas para contar a história do teatro mais antigo da cidade, com a exposição “Nosso Theatro”, realizada pelo Grupo RBS, um dos maiores grupos de comunicação do Estado, com curadoria da agência de comunicação Maria Cultura⁹.

Inaugurado em 7 de outubro de 2008, inicialmente seria apenas uma mostra que se estenderia até o dia 21 de dezembro de 2008. Contudo, devido a grande aceitação por parte do público visitante e da administração do teatro, passou a ser considerada uma importante mídia a qual recebe dezenas de visitantes por dia, muitos deles turistas de outros Estados e de fora do país. O MTSP tornou-se permanente, após doação do Grupo RBS do acervo exposto para a AATSP, transformando-se num importante local de aprendizagem da história de um dos mais respeitados teatros do país.

Com entrada franca, o Memorial Theatro São Pedro está aberto para visitas de terça a sábado, das 13h às 18h, e aos domingos das 14h às 16h. O acesso principal é feito pela rua General Câmara, s/nº, primeira porta lateral do teatro (Imagem 11). Esse espaço que não existia antes da reconstrução do TSP, foi escavado no período da obra e serviu como escritório da administração do teatro. Após a transferência da administração para o Multipalco, o espaço foi reformado com o patrocínio da Petrobrás, o que possibilitou a criação do MTSP.

⁹ A Maria Cultura é uma agência de comunicação e criação voltada para a cultura e seus desdobramentos. Ela atua junto a empresas que investem em cultura, agentes culturais e instituições culturais. O foco da empresa é o desenvolvimento de atitudes culturais que interajam com anseios do mundo atual: inclusão social, sustentabilidade, educação, tecnologia, entretenimento.

Imagem 11: Fachada lateral do Theatro São Pedro: entrada principal para o Memorial Theatro São Pedro.



Crédito: Diego da Maia

O Theatro São Pedro é um dos poucos prédios históricos que sobreviveu às grandes transformações e crescimento da capital gaúcha. O Memorial Theatro São Pedro não conta apenas a história dessa casa de teatro, mas sim da vida cultural e do desenvolvimento do centro histórico de Porto Alegre.

Para ambientar o público, o memorial expõe a história do TSP como se fosse um espetáculo, denominando cada sala de ato, nome dado às divisões cênicas de uma peça teatral. Dividido em quatro salas, cada uma é uma fase da linha do tempo da casa centenária. A primeira sala, ou I Ato (Imagem 12), tem o nome de “Abrem-se as cortinas” e data de 1833, ano do início das obras de construções do Theatro São Pedro. Neste espaço, é narrada a afirmação do TSP como a principal casa de espetáculos de Porto Alegre, desde sua fundação, em 27 de junho de 1858, até a suspensão das atividades, em 1972, à espera de uma reforma total.

Imagem 12: Interior do I Ato do MTSP.



Crédito: Diego da Maia

O II Ato (Imagem 13) foi batizado de “Intervalo”, datando de 1973, ano da interdição do prédio, devido às precárias condições de uso, até 1983, quando o TSP finalmente se encaminhava para a reabertura, após anos de muitos esforços para conseguir reabrir um dos principais teatros do país. As paredes desse espaço são da cor cinza e as imagens e materiais desse período evidenciam o trabalho de reconstrução, comandado por Eva Sopher.

Imagem 13: Interior do II Ato do MTSP.



Crédito: Diego da Maia

A retomada das atividades culturais do teatro, entre 1984 e 1991, inspira o III Ato (Imagem 14) da mostra, nomeado “Reinauguração”, que apresenta em suas paredes vermelhas fotos e recortes de jornais desse período de renascimento. O ano de 1984 marca o retorno do Theatro São Pedro na vida cultural dos gaúchos e essa sala narra os acontecimentos mais importantes dessa fase, desde a noite de reabertura e a temporada de “Piaf”, espetáculo protagonizado pela atriz Bibi Ferreira, até o ano de 1991 quando o único governador do Estado do Rio Grande do Sul se opôs à permanência de Eva Sopher na presidência da Fundação Theatro São Pedro, o que ocasionou uma comoção e uma série de protestos, episódio mencionado no capítulo anterior.

Além disso, destaca-se a intensa programação artística da casa, mostrada com fotos de espetáculos e *shows* que vieram à cidade graças a reabertura da casa centenária. O respeito e a admiração pelo trabalho de Eva Sopher frente à administração do teatro pode ser mensurado por meio de uma parede branca (Imagem 15) com a ampliação de autógrafos de várias personalidades famosas. Ao todo são trinta e cinco assinaturas de atores, diretores, jornalistas e dramaturgos de grande prestígio no país, que por meio dessas dedicatórias cumprimentam e agradecem o empenho da Presidente do teatro.

Imagem 14: Interior do III Ato do MTSP.

Crédito: Diego da Maia

Imagem 15: Parede com autógrafos.

Crédito: Diego da Maia

A última sala do memorial tem o nome de “Nosso Theatro” e se detém de 1991 a 2008, evidenciando o esforço pela ampliação do Theatro São Pedro por meio da construção do Multipalco. Com as paredes nas cores, vermelha, branca e amarela, exhibe um teatro com uma intensa programação artística e plural, em termos de atrações, e, para completar, exhibe o projeto Multipalco, iniciado em 2003, que promete transformar o complexo cultural Theatro São Pedro em um dos maiores da América Latina.

O Multipalco é representado por diversas formas. Além de um expositor com fotografias de cada ano da obra, há outro com 24 recortes de jornais que engloba reportagens sobre o futuro complexo cultural e campanhas publicitárias também de páginas do jornal Zero Hora. Uma maquete do complexo cultural, incluindo a casa centenária e os prédios ao redor, é

encontrada dentro de um expositor de vidro, na parte final da exposição, que encerra com um painel com a ficha técnica da mostra (Figura 17), o qual informa dados importantes como curadoria, produção executiva, crédito das fotos expostas, entre outros.

Imagem 16: Interior do IV Ato do MTSP.



Crédito: Diego da Maia

Imagem 17: Painel com a ficha técnica da mostra.



Crédito: Diego da Maia

Após constantes visitas ao memorial, para fotografar o local e listar o conteúdo da mostra, verificou-se que para narrar a história por meio da linha do tempo são utilizados os seguintes materiais de acervos: fotos, jornais e objetos históricos. Além desses elementos, existe um auxílio de textos explicativos em algumas paredes. Na Tabela 1, é listada a quantidade de cada item em cada Ato e o número total distribuídos na exposição. Ao todo são 106 fotografias, 79 recortes de jornais, 33 objetos antigos e 11 textos na forma de mural explicativo.

Tabela 1 – Item em cada sala do MTSP.

	Fotos	Jornais	Objetos	Mural explicativo
I Ato	30	0	18	3
II Ato	9	25	13	3
III Ato	29	6	1	3
IV Ato	38	48	1	2
TOTAL	106	79	33	11

Fonte: Diego da Maia

As fotografias são em sua maioria de artistas que passaram pelo teatro, sendo reproduções de imagens do acervo do Theatro São Pedro e dos museus Hipólito José da Costa (Museu da Comunicação) e Joaquim José Felizardo (Museu Histórico da cidade de Porto Alegre) e dos arquivos do jornal Zero Hora - que pertence ao Grupo RBS. Os materiais jornalísticos expostos são *fac-similares* de páginas de Zero Hora, ou seja, são reproduções exatas, e ampliadas, da edição original, incluindo fontes de letras, escala, ilustrações, diagramação e paginação. Esses recortes antigos da imprensa são capazes de contar a história dessa instituição e será analisado no presente trabalho.

Como foi citado no início deste capítulo, o MTSP seria um espaço temporário. Contudo, ao se tornar um memorial permanente, foi possível a atualização e acréscimo na exposição, com a ajuda de acervos históricos do teatro. Em relação aos registros de imprensa, foram acrescentados dois recortes, ambos no I Ato, que na composição original, feita pelo Grupo RBS, não continha tais recortes. O primeiro, foi a réplica ampliada de uma página do Jornal Correio do Povo, de 8 de janeiro de 2009. A matéria conta que, há 100 anos, o jornal noticiava a intensão do então Presidente da Província, Carlos Barbosa, de demolir o Theatro São Pedro, para a construção de um novo prédio que abrigasse uma secretaria do Governo. Outro recorte colocado mais tarde foi do jornal Diário do Sul, de 27 de setembro de 1987. Uma crônica do jornalista Antonio Hohlfeldt, com o título “Wolfgang Sopher: um homem”, que narra um pouco da vida do empresário Wolfgang Sopher, ex-marido da Presidente do TSP, Eva Sopher, falecido naquele ano.

Por esses dois registros não serem da composição original da mostra, criada pelo Grupo RBS, eles não serão analisados neste trabalho. Assim, todos os registros que seguem serão do jornal Zero Hora. Com a padronização, será possível verificar como este veículo noticiou os fatos marcantes que ajudam a contar a história da instituição.

O Memorial TSP é composto ainda de objetos expostos, como acessórios do século XIX, chapéus, luvas, leques, entre outras curiosidades, dentre elas uma poltrona original da antiga plateia do TSP e ingressos para espetáculos que datam desde 1937. Sobre os objetos expostos em uma instituição museal, Ramos (2004) apresenta uma pertinente reflexão:

Ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas. Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde seu valor de uso: a cadeira não serve de assento, assim como a arma de fogo abandona sua condição utilitária. Quando perdem suas funções originais, as vidas que tinham no mundo fora do museu, tais objetos passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses. (p. 19)

A maioria dos objetos estão em uma vitrine de vidro com iluminação na parte inferior e superior dos expositores. A história ainda é contada por meio das leituras de murais explicativos nas paredes, situando o visitante no período, e destacando acontecimentos marcantes que contextualizam o Theatro São Pedro e o desenvolvimento da cidade de Porto Alegre.

A exposição, segundo Ramos (2004), deve ser pensada de modo a permitir que os visitantes possam entender algumas das problemáticas elencadas, sem o auxílio obrigatório de monitores. O Memorial Theatro São Pedro possui uma monitora com formação em História, que cuida do agendamento de escolas e grupos e, se necessário, faz uma visita guiada, dependendo do caso. No geral, ela apresenta o memorial de forma breve e deixa os visitantes à vontade para conhecerem a história do teatro por meio do trânsito pelos espaços. O que é correto para Ramos (2004), pois para o autor,

A educação museal passa necessariamente pela capacidade progressiva de instrumentalizar o público para a decifração dos códigos propostos, do contrário, o monitor vira acessório permanente e corre-se o risco de pleitear mediações indispensáveis. (p.26)

A exposição mostra-se eficiente ao criar formas de comunicação e dispositivos de reflexão sem a tutela de um leitor ou intérprete dos expositores. Isso não quer dizer que um museu não deva contar com monitores. Seu trabalho é fundamental para que, caso haja dúvidas, o público tenha a quem recorrer, como explica Ramos:

Por outro lado, a presença de monitores é indispensável. E, nesse sentido, torna-se imperioso reconhecer que o modelo tradicional de atendimento não combina com a proposta aqui defendida. O comum é o monitor ser sinônimo de informador: fornece dados ou explicações aos estudantes ou ao público em geral. (2004, p. 26)

Hoje, o Memorial Theatro São Pedro é uma importante mídia, que precisa ser atualizada e divulgada pelo setor de comunicação. O memorial foi criado para recuperar momentos marcantes dos 150 anos do Theatro São Pedro, contudo, com sua permanência, o

memorial sofreu algumas alterações e atualizações, visto que neste ano de 2012 o MTSP completa quatro anos de existência. Algumas fotos, objetos e até mesmo recortes de jornais foram incluídos na mostra, de acordo com necessidades posteriores.

Como qualquer mídia, a construção da história é plausível de críticas. No caso do objeto de estudo do presente trabalho, é notória a influência do Grupo RBS no discurso apresentado no MTSP. Um exemplo chave será apresentado no próximo capítulo, com um recorte de jornal, exposto com o seguinte título: “Participação da RBS foi decisiva na reconstrução”. Sobre as influências na construção de uma instituição museal, Henriques afirma:

Os museus, como instituições, não são neutros. Muitos deles são órgãos públicos subordinados a gestores que fazem da cultura uma vitrine política, privilegiando a cultura-espetáculo e, na maioria das vezes, deixando em segundo plano a única obrigação cultural do Estado: restaurar e preservar o patrimônio histórico, artístico, cultural e natural. (2010, p.32)

Esse discurso também pode ser empregado para os memoriais empresariais. No caso do MTSP temos além da imagem que o teatro gostaria de mostrar, a imagem que o grupo RBS quer apresentar: a de veículo informador presente nos acontecimentos marcantes da vida de uma dos principais palcos do Estado.

A curadoria fez do memorial uma extensão do local para contar uma história, mas não tenta recriar o espaço interno do teatro, com inspirações do neoclássico, estilo arquitetônico do teatro. Ao contrário, o museu possui expositores modernos, sem molduras em seus quadros, paredes de uma única cor, com harmonia e sem tentar dar aparência antiga. O ambiente nos museus é bem importante e o curador deve tomar cuidado para não exagerar ao tentar recriar o passado, como afirma Ramos:

Para o cinema e o teatro, uma das grandes tarefas do cenógrafo é a reprodução criativa de ambientes necessários à trama narrativa, conforme as dimensões estéticas que se pretendem dar ao produto final. No espaço museológico, as exigências são outras. O recurso de reconstituir todos os detalhes de certo tempo em determinados espaços torna-se completamente inadequado para os parâmetros educativos aqui defendidos. Para expor um objeto, a estratégia de colocá-lo no cenário onde ele supostamente se encontrava antes de ir para o museu é um grande equívoco. (2004, p.129)

Trabalhar com a preservação da memória de uma instituição que é patrimônio cultural, tem um caráter estético e simbólico, de embate com a descaracterização promovida pela modernização. Analisando o papel dos museus, Canclini (1998) afirma: “Se o patrimônio é interpretado como repertório fixo de tradições, condensadas em objetos, ele precisa de um palco-depósito que o contenha e o proteja, um palco-vitrine para exibi-lo”. (p. 169) O autor

nos faz refletir, que como qualquer mídia, a criação de espetacularizações para chamar atenção do público à história que é contada nos museus é algo cada vez mais frequente.

Com este capítulo, buscou-se apresentar e descrever o Memorial Teatro São Pedro, sempre com o auxílio do suporte teórico. Na próxima etapa é demonstrado o estudo dos registros de imprensa, de *fac-similares* do jornal Zero Hora, expostos no MTSP.

6 ANÁLISE DOS REGISTROS DE IMPRENSA DO MTSP

De forma geral, a presente monografia pode ser classificada como Estudo de Caso, uma forma de pesquisa social empírica que investiga um fenômeno dentro de seu contexto de vida real, segundo Yin (1990). Optou-se por Estudo de Caso por entender que ele é adequado para o exame de eventos contemporâneos, colaborando para “a compreensão dos fenômenos sociais complexos” (DUARTE, 2006, P. 234). O fenômeno a ser analisado é como os registros da imprensa, que estão expostos no Memorial Theatro São Pedro, contribuem para contar a história da instituição.

Para evidenciar o entendimento de diferentes pensadores sobre os conceitos-chave do problema de pesquisa, busca-se responder como uma empresa de comunicação pode construir um memorial e utilizar disso para aproximar sua marca à imagem de outra instituição. Neste caso, a compreensão de imagem é quando ela se manifesta “como juízo de valor, apreciação, conceito que uma mente humana (ou grupo) atribui a alguém, algo ou alguma coisa, de qualquer natureza (seja uma pessoa, instituição, organização, processo, objeto)” (BALDISSERA, 2004, P. 165). Nessa instância, a imagem não se apresenta como representação visual, e sim como representação cognitiva/conceitual.

Assim, “no nível dos fazeres estratégicos, pode-se materializar discursos, ações, estímulos para que o ‘outro’ construa a imagem desejada, porém não se tem garantias de que isso se efetive, ou seja, a imagem obtida não depende exclusivamente da vontade (...) do sujeito-identitário” (BALDISSERA, 2004, p.167). Com isso, verifica-se como o Grupo RBS busca unir a sua imagem à história de um dos principais teatros da cidade, por meio do Memorial Theatro São Pedro.

Santaella (2001) afirma que o campo da comunicação é um espaço híbrido e pouco nítido nos seus limites de fronteiras, o que possibilita estudar por uma composição de diferentes áreas, como a História e a Museologia, presentes neste trabalho. Como podemos observar nos capítulos anteriores, a pesquisa bibliográfica e referencial abordou diversos conceitos, entre eles o de instituições museológicas, além de um estudo sobre a história do Theatro São Pedro, assim como as influências dentro do contexto social da cidade de Porto

Alegre, e da descrição do Memorial Theatro São Pedro, onde se localizam os registros que serão analisados.

Na primeira etapa do levantamento dos recortes de jornais foi feita a análise documental, entendendo que este método tem como característica “muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, sons e imagens, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos”. (MOREIRA, 2006, p. 276)

O objetivo desta etapa foi mapear como os registros da imprensa ajudam a contar a história de uma instituição. Todas os recortes expostos têm ligação com a história do teatro, contudo, podemos classificá-los em diferentes temáticas para chegar a um número capaz de fazer aproximações com o que é proposto pela análise de conteúdo posteriormente, o que exigirá a criação de categorias de análise como veremos na sequência.

Os materiais foram fotografados para leitura e houve a classificação de cada registro a partir do tema central da matéria. A partir de sete temas encontrados nos registros, podemos separar os recortes nos grupos: Theatro São Pedro (nosso objeto de análise); programação artística; publicidade; Multipalco; AATSP; Eva Sopher; e depoimentos. O foco é analisar os recortes que trazem o Theatro São Pedro como notícia, excluindo os demais.

O resultado foi o seguinte: 21 tinham como assunto o TSP; outros 21 são referentes à programação artística do teatro; 13 são campanhas publicitárias de arrecadação para a construção do complexo Multipalco, outros 13 abordam o Multipalco como pauta; 5 são reportagens e entrevistas com Eva Sopher; 3 recortes expõem a Associação Amigos do Theatro São Pedro como pauta; e na última categoria, depoimentos, encontram-se 3 registros de depoimentos de jornalistas e políticos sobre o teatro e o trabalho de Eva Sopher frente à administração.

Estes resultados estão na Tabela 2 e mostram, por meio desta análise documental, que a história da organização é contada, em sua maior parte, por meio dos recortes com as temáticas “Theatro São Pedro” e “Programação Artística”. Ambos aparecem com iguais proporções, 21 recortes, espalhados pelo MTSP. Contudo, a temática que mais se enquadra em História Organizacional é a categoria “Theatro São Pedro”, pois o foco da análise deve ser o TSP como pauta, e conseqüentemente ser contada a sua história a partir desses registros de imprensa.

Tabela 2 - Assuntos abordados nos recortes de jornais em cada sala do MTSP.

	Ato 1	Ato 2	Ato 3	Ato 4	Total
Theatro São Pedro	0	14	3	4	21
Programação artística	0	7	2	12	21
Publicidade	0	0	0	13	13
Multipalco	0	0	0	13	13
Eva Sopher	0	2	0	3	5
AATSP	0	2	0	1	3
Depoimentos	0	0	1	2	3

Fonte: Diego da Maia

Para a análise dos recortes das páginas de jornais, com a categoria “Theatro São Pedro”, optou-se por utilizar aproximações com o método de Análise de Conteúdo – AC. Fonseca Junior (2006, p.280) afirma que a AC é “um método das ciências humanas e sociais destinados à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”. Mesmo sendo considerado um método subjetivo, é amplamente usado para colaborar na descrição e na valorização das propostas dos métodos de classificação do objeto de estudo.

A AC é igualmente válida para este estudo de caso, porque se ocupa da análise híbrida, ou seja, permite a busca de resultados tanto quantitativos quanto qualitativos, conforme a ideologia e interesse do autor, segundo Fonseca Junior (2006). Bauer (2004) cita diversos autores para alegar que a AC utiliza técnicas sistêmicas, objetivas, com regras e com um referencial de codificação que se estrutura teoricamente com base no objeto da pesquisa.

“A tarefa de toda análise de conteúdo consiste em relacionar os dados obtidos com alguns aspectos de seu contexto” (FONSECA JUNIOR, 2006, p.288). Uma questão é analisar o conteúdo dos registros da imprensa expostos no Memorial Theatro São Pedro; outra é compreender como esses registros ajudam a contar a história do Theatro São Pedro, a partir da análise desses recortes.

Conforme foi explicado, a análise documental primou pela seleção de 21 recortes, e com isso, a análise será realizada sobre essas peças, com a temática “Theatro São Pedro”. Conforme está proposto desde o início do trabalho, será buscada a relação entre como registros da imprensa ajudam a contar a história organizacional e como o profissional de relações públicas contribui para a conservação da memória das instituições.

Nem todas as páginas contém data e em determinadas paredes, alguns recortes são expostos sobrepostos uns aos outros, o que impossibilita a leitura completa de algumas matérias. Contudo, o título da reportagem é o grande atrativo e muitos deles traduzem o

resumo da matéria, como foi possível analisar após a construção da análise documental dos recortes.

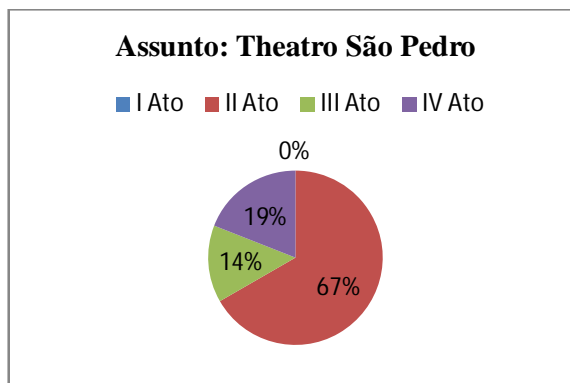
O apelo visual nos meios impressos é cada vez mais explorado e pode ser percebido nos recortes expostos. Atualmente, o colorido é constante nas páginas dos jornais, mas nem sempre foi assim. No caso do objeto de estudo, as réplicas das páginas de jornais do II Ato e do III Ato aparecem apenas em preto e branco. Como abrangem o período de 1973 a 1991, realmente muitos dos recortes originais não eram coloridos. Contudo, para padronização, apenas os registros do IV Ato aparecem com cores, o que oferece, também, ao visitante, a sensação de que ali é o local mais atual do memorial, pois trata-se da parte mais recente da linha do tempo exposta.

Dos 21 recortes selecionados, 16 tem alguma imagem ilustrando a matéria sobre o Theatro São Pedro. Dessas 16 fotos, 12 são do prédio histórico, como a fachada ou algum detalhe da casa. Importante ressaltar que em 5 recortes aparecem a imagem de Eva Sopher, mesmo que o assunto do texto seja o TSP. Esse fato reforça que a imagem pública da instituição está intrínseca com a figura da administradora. Ao pensar em Theatro São Pedro, muitos lembram automaticamente de Eva Sopher, e vice e versa. O recorte de número 6 (presente no Anexo B) apresenta duas imagens, uma do teatro e outra de Eva Sopher na mesma matéria.

A análise das 21 peças será dividida em três importantes categorias: período histórico; manchete; e enfoques. A referência para a construção dessas divisões foi de Efrom (2010) e Fonseca Junior (2006).

6.1 Período Histórico

Certos assuntos se concentram mais em determinados períodos da linha do tempo. Podemos ver que no II Ato, denominado “Intervalo”, a ocorrência dos registros que abordam o teatro como pauta é o mais recorrente. Isto se deve pelo grande período em que o TSP esteve interditado devido à obra de reconstrução do prédio histórico. Ao invés do teatro ser notícia com as sua programação artística, como é o habitual, as atenções estavam voltadas aos esforços para a escassez de recursos financeiros, a falta de comprometimento do Estado com a instituição, a luta da presidente da Fundação Theatro São Pedro, Eva Sopher, para concluir a obra e a expectativa do grande momento da reinauguração total, com a volta de uma das maiores referências da Cultura do RS. Os jornais noticiaram estas manchetes por 11 anos, o que explica que 67% dos recortes analisados se encontram no II Ato, como mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2: Categoria Theatro São Pedro em cada Ato no MTSP.

Fonte: Diego da Maia

Percebe-se que o período histórico de cada recorte é distribuído de acordo com os Atos, respeitando a época em que ocorreu. Contudo, a composição dos Atos foi organizada de acordo com um critério da curadoria, colocando em evidência recortes expostos sozinhos, como é o caso da Imagem 18. Com o título “Andaimas da plateia serão retirados hoje”, identifica-se que a matéria das vésperas da reabertura do TSP, um momento histórica que merece ser destacado. Após a leitura do texto, que apresenta inclusive a programação de reinauguração, com o espetáculo *Piaf*, relata que a pintura do teto do teatro foi criado pelo arquiteto Carlos Mancuso.

Imagem 18: Recorte 1 – II Ato.

Crédito: Diego da Maia

Outro recorte importante no período histórico é apresentado pela Imagem 19, com a manchete: “O Teatro São Pedro a caminho de ser uma fundação”. Como a peça não apresenta data, deduz-se que a publicação tenha ocorrido em 1981, ano que o Theatro São Pedro se

tornou uma fundação. O texto explica que a partir disso, será permitido o repasse de verbas federais ou de qualquer instituição para o TSP. Com isso, resolveria um pouco do problema da falta de recursos para a conclusão da obra de reconstrução. Mesmo tendo uma importância histórica, este recorte não está em uma parede isolada, como o recorte anterior. Esta última peça encontra-se em um expositor com vários recortes, um sobreposto ao outro, como mostra a Imagem 20.

Imagem 19: Recorte 2 – II Ato.



Crédito: Diego da Maia

Imagem 20: Expositor com sobreposições de jornais.



Crédito: Diego da Maia

6.2 Manchetes

O visitante é instigado também pelas manchetes de alguns recortes. Para isso, foi criada esta categoria com a finalidade de pontuar questões peculiares da mostra. O que será analisado serão os títulos, pois por meio deles é que o visitante se aproxima da notícia, situando-se na história do TSP pelo período do registro.

Por mais que o público não leia os recortes, pois alguns estão sobrepostos como no expositor da Imagem 20, impossibilitando a leitura fluente, os títulos muitas vezes também narram esses momentos do passado da instituição e resumem o texto da matéria. Destacam-se 10 títulos emblemáticos, que denotam os anseios da instituição no período da reconstrução e o que a imprensa informava para seus leitores: Qual a cor ideal para as poltronas do Theatro São Pedro?; O Theatro São Pedro vai voltar a ser o que era; Afinal, algum dinheiro para o Theatro São Pedro; Mais dois anos e o Theatro São Pedro vai abrir suas portas; Andaimes da plateia serão retirados hoje; Participação da RBS foi decisiva na reconstrução; O São Pedro mais próximo da reabertura?; O Theatro São Pedro a caminho de ser uma fundação; O Theatro São Pedro está de volta para ficar; e A grande noite da reabertura.

Um destaque importante, que merece reflexão, é a reportagem com o título “Participação da RBS foi decisiva na reconstrução” (Imagem 21). Como comentado em capítulos anteriores, a realização do MTSP foi do Grupo RBS. Contudo, afirmar que a participação da empresa de comunicação foi decisiva na reconstrução do teatro é um exagero e um engano histórico. Mesmo que a visibilidade e os espaços da imprensa fossem fundamentais para que Eva Sopher arrecadasse fundos e mobilizasse o empresariado gaúcho em prol do TSP, grande parte do dinheiro para a reconstrução era público, do Estado. Para afirmar o destaque deste recorte na mostra, percebe-se que é um recorte isolado, assim como um quadro. Isso deixa claro que a intenção da curadoria era aproximar a imagem do Grupo RBS, por meio do veículo Zero Hora, com a imagem do Theatro São Pedro.

Imagem 21: Recorte 3 - II Ato.



Crédito: Diego da Maia

A imprensa, durante o período das obras de reconstrução, buscava noticiar o que era de interesse do leitor. A pergunta que todos queriam saber a resposta era: quando seria a

reinauguração do Theatro São Pedro. Especulações na época eram o que não faltavam, e como podemos ver na Imagem 22, muitas manchetes erravam a data. Com o título “Mais dois anos e o Teatro São Pedro vai abrir suas portas”, a reportagem do dia 21 de março de 1976 não se confirmou, pois ao invés de dois, a conclusão demorou mais oito anos. Entretanto, este material traduz o que a imprensa afirmava na época e o descaso com o comprometimento do governo do Estado com a obra.

Imagem 22: Recorte 4 – II Ato.



Crédito: Diego da Maia

6.3 Enfoques

Para categorizar os enfoques das matérias, após a leitura das manchetes e textos, foram criadas quatro subcategorias: reconstrução, impasse político, reinauguração e curiosidades históricas.

Tabela 3 – disposição das subcategorias de enfoques em cada sala do MTSP.

	II Ato	III Ato	IV Ato	Total
Reconstrução	6	-	-	6
Impasse Político	5	2	-	7
Reinauguração	3	1	-	4
Curiosidades Históricas	-	-	4	4

Fonte: Diego da Maia

O enfoque mais presente foi o “impasse político” com 7 registros expostos em duas salas, o que foi uma surpresa para a análise. Isso demonstra que dos 21 recortes que traziam o

Theatro São Pedro como assunto principal, 33% tinha como mote questões políticas, na grande maioria pelo retardo da conclusão da obra.

Cinco matérias no II Ato salientam os seguintes assuntos: a posse de Eva Sopher no cargo, visita de políticos à obra e o descaso do governo do RS com o repasse de verbas para a conclusão das obras, como exemplificado na manchete “Afinal, algum dinheiro para o Teatro São Pedro” (Imagem 23).

Imagem 23: Recorte 5 – II Ato



Crédito: Diego da Maia

Já no III Ato, os dois registros são sobre a polêmica ocorrida em 1991, quando o então Governo do Estado iria nomear outra pessoa para o cargo de presidente do Theatro São Pedro, um momento de ampla cobertura jornalística na época (Imagem 24).

Imagem 24: Recorte 3 – III Ato



Crédito: Diego da Maia

A subcategoria “reconstrução” aparece em segundo lugar e todos os recortes estão no II Ato. Com curiosidades da obra e questionamentos se o teatro voltaria a ser o que foi um dia, essas reportagens elucidam ao visitante da exposição o quanto foi difícil essa etapa da vida organizacional do TSP. O que se pode notar é que Eva Sopher é uma figura marcante a partir deste momento para a instituição. Mesmo que o conteúdo da matéria seja o Theatro São Pedro, a figura da presidente é constante nos jornais da época, como a encontrada na Imagem

25, que mostra a coluna do jornalista Carlos da Maia sobre a comemoração dos 120 anos do TSP, comemorados logo após o início das obras de reconstrução.

Imagem 25: Recorte 6 – II Ato



Crédito: Diego da Maia

O enfoque “reinauguração” aparece com quatro registros, três exposições do II Ato e uma no III Ato. As peças são registros de um dos momentos mais esperados da história do TSP, quando após onze anos interditado, sendo nove em obras para a reconstrução do prédio histórico, a casa centenária reabriu para uso de suas modernas instalações (Imagem 26).

Imagem 26: Recorte 1 – III Ato



Crédito: Diego da Maia

As matérias com a temática “curiosidades históricas”, também aparecem com quatro registros e estão presentes apenas no IV Ato, em matérias comemorativas aos 150 anos do teatro, completados em 2008. Em junho, mês de aniversário do Theatro São Pedro, é o

período mais comum para reportagens com fatos históricos do TSP (Imagem 27), pois no decorrer do ano a grande maioria das pautas é sobre a programação artística da casa.

Imagem 27: Recorte 1 – IV Ato



Crédito: Diego da Maia

Ao avaliar os registros da imprensa, expostos no Memorial Theatro São Pedro e os resultados da análise, comprova-se o quanto é importante vários aspectos que rondam o cotidiano dos profissionais de Relações Públicas e Comunicação Social em geral. A começar pelo trabalho de *clipping* feito pela assessoria de imprensa, que resulta no conhecimento e mapeamento da imagem da instituição e que servem como registro histórico documental. O fato da maioria dos responsáveis pelo resgate histórico organizacional no país terem a formação de Relações Públicas, denota o quanto a profissão exige o conhecimento de outras áreas, como a da Museologia, apresentada no presente trabalho.

As diferentes fases da instituição estão presentes na linha do tempo de um memorial organizacional. A responsabilidade e necessidade de educar e informar a comunidade transcende do espaço físico relacionando o surgimento e desenvolvimento com a história da própria cidade. O visitante tem a oportunidade de sentir a importância histórica do Theatro São Pedro por meio das fotos dos inúmeros artistas que ali passaram, pela imagem da cidade desde a metade do século XIX e que após décadas, o TSP foi um dos poucos sobreviventes do desenvolvimento da capital.

7 CONSIDERAÇÕES

O Memorial Theatro São Pedro é composto de exposições de imagens fotográficas do teatro, de artistas e do entorno da praça que abriga o prédio histórico, e também de registros da imprensa, por meio de cópias *fac-similares* de páginas do jornal Zero Hora. Além disso, estão presentes objetos que constroem sentido para a história da casa centenária e em todos os espaços há a presença de murais explicativos nas paredes, com textos que narram alguma época ou curiosidade da linha do tempo do Theatro São Pedro.

Para efetuar uma boa avaliação sobre o estudo de caso, fez-se necessário entender com mais detalhes a origem dos espaços museológicos e o contexto em que reflete no trabalho dos Relações Públicas diante da tarefa de responsabilidade da construção de uma memória organizacional. O MTSP é um espaço de educação e informação, situado no subsolo do Theatro São Pedro, que ao invés de ser temporário, como o planejado após sua inauguração em 2008, transformou-se em uma exposição permanente, em constante atualização.

Apesar de a instituição museu ser uma criação milenar, a Museologia é em estudo recente em grande parte do país. O curso de graduação tem como objetivo, proporcionar a reflexão sobre a contemporaneidade dos museus, a partir do estudo, análise e crítica das instituições e espaços da sociedade em que seja necessário o desempenho da função. Com isso, habilitam-se profissionais para o gerenciamento de instituições, planejamento de políticas vinculadas à utilização de metodologias e técnicas nos campos da conservação, documentação e comunicação museológica.

Muitos avanços na área da Museologia precisam ser feitos, principalmente no Rio Grande do Sul, visto o atraso da criação do curso de graduação específico para esta área. Contudo, a colocação desse curso na mesma Faculdade de Comunicação Social, na UFRGS, permite um diálogo estreito entre essas ciências e possibilita a reflexão de como o trabalho de comunicação ajuda a construir a memória organizacional.

Como foco principal, aborda-se o *clipping* como ferramenta não só de análise dos resultados da comunicação e mensuração da exposição da instituição na imprensa. Quando Realizado de forma estratégica, pode servir de registro histórico da memória organizacional. Por meio disso, foi feita a presente análise do atual trabalho, com o objetivo de analisar como

registros da imprensa, expostos no Memorial Theatro São Pedro, auxiliam a contar a história da instituição.

Para situar o leitor no presente trabalho, foi necessário fazer um breve relato da história do Theatro São Pedro, que abrangeu o capítulo quatro. Por meio de pesquisa bibliográfica e referencial, construiu-se um resumo dos 154 anos da história de um dos teatros mais representativos do Estado. Além disso, para auxiliar na contextualização dos fatos com as mudanças físicas da praça onde o prédio histórico se encontra, usou-se a inserção de imagens que ilustrassem as mudanças do cenário dessa parte da cidade.

O relato com a apresentação do Memorial Theatro São Pedro, feito no quinto capítulo, serviu para descrever o local, ilustrando com a utilização de imagens fotográficas, todas feitas pelo autor do presente trabalho. A utilização das figuras permitiu que o leitor conhecesse os detalhes narrados nos textos, o que torna mais rápida a assimilação da informação passada sobre o MTSP.

Referente ao estudo de caso, constatou-se que a maioria dos recortes de imprensa está no II Ato, sala que abrange o período da obra de reconstrução do TSP. Nesta época, o teatro não estava em evidência pela sua programação artística, como de costume, mas sim ele era a pauta, o próprio prédio. Isso ocorreu devido à interdição para obra de reconstrução, sendo um assunto de interesse da mídia e da comunidade nos 11 anos. Com isso, o MTSP evidencia essa época importante do teatro, com recortes que abordam a escassez de recursos do Governo para as obras, impasses políticos, especulações de datas para a reabertura e novidades da obra à medida que ela avançava, assim como se a vida cultural do Theatro São Pedro voltaria a ser tão ativa e representativa, como em décadas passadas.

As imagens que são vistas no MTSP relembram episódios memoráveis. No entanto, não contemplam todos os importantes personagens que dão continuidade à história do Theatro São Pedro. Eles são tantos que não caberiam nesta sala expositiva. Mas trazem os principais, segundo o criador de cada espaço museal, neste caso, o Grupo RBS.

REFERÊNCIAS

AXT, Gunter. O nosso Theatro: itinerários de um espetáculo sesquicentenário. In: **Theatro São Pedro**:150 anos. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

AXT, Gunter. Entrevista publicada em 13 de setembro de 2011. **O que é um memorial**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=WRN3V4B6Kxg>>. Acesso em: 20 de abril de 2012.

ALEXANDRINO, Marcelo & VICENTE, Paulo. **Resumo de direito administrativo descomplicado**. 3. Ed., Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2010.

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

ANJ – Associação Nacional de Jornais. **Maiores jornais do Brasil**. Encontrado em <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil> Acessado em 12/05/2012.

ARAÚJO, Felipe. **Revolução Federalista**. Disponível em: <http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/revolucao-federalista/>. Acesso em: 20 de abril de 2012.

BALDISSERA, Rudimar. **Imagem-conceito**: anterior à comunicação, um lugar de significação. 2004.295f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BARBOSA, Marialva Carlos. História e memória como processo de reflexão e aprendizado. In: MARCHIORI, Marlene (org.). **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. 2. Ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.

BARCELLOS, Jorge. **Museus e exposições**. Disponível em <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=116&Numero=235&Caderno=0&Editorial=108&Noticia=296411> Publicado em 23/05/2011. Último acesso em 27/05/2012.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Transferência da informação para o conhecimento. In: AQUINO, Miriam de Albuquerque (org.) **O campo da Ciência da Informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Ed. Universitária, 2002.

BARROSO, Gustavo. **Introdução à técnica de museus**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1951.

BRASIL. **Estatuto de Museus**, Presidência da República, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm Último Acesso em 11 de abril de 2012.

BROWN, John Seely. DUGUID, Paul. **A vida social da informação**. São Paulo: Markon Books, 2001.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CASTELLS, Manoel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 1 – A sociedade em rede. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Antônio Carlos e FELIZARDO, Luiz Carlos (org.) **Theatro São Pedro: álbum ilustrado comemorativo da sua reinauguração (1858 – 1984)**. Porto Alegre: Ed. Metrópole, 1992.

CHAGAS, Mário de S. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1999.

CONTRIM, Gilberto. **História e consciência do Brasil**. Ed. Saraiva, 1998.

DAMASCENO, Athos e CARO, Herbert; CESAR, Guilhermino e MORITZ, Paulo Antônio. **O Theatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: SESC, 1975.

DAMÁSIO, Antônio. **Em busca de Espinosa**. Prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

DUARTE, Jorge. (org) **Comunicação Pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

DUARTE, Jorge; MONTEIRO, Graça. **Potencializando a comunicação nas organizações**. São Paulo: Saraiva, 2009.

EFROM, Bianca. **A identidade e a marca da Secretaria de Patrimônio Histórico da UFRGS**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, 2010.

FAY, Cláudia Musa. Museu: lugar de memória e de construção do conhecimento. In: org. SILVEIRA, Andréa Reis da e FILHO, Luiz Armando Capra. **O papel dos museus no mundo contemporâneo**. Porto Alegre: Museu Julio de Castilhos, IEL, CORAG, 2010.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FORTES, Waldyr Gutierrez. **Relações Públicas: Processo, Funções, Tecnologia e Estratégias**, 2ª Edição, Summus Editorial, 2003.

- FRANÇA, Fábio. **Stakeholders**. Enciclopédia Intercom. 2010, p. 1133-1134. Disponível <http://www.projeto.unisinos.br/cepos/Enciclopedia.pdf> Acessado em 26/04/2012.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. Construção jornalística e dizer social. In: MOUILLAUD, Maurice; DAYRELL, Sergio Dayrell (orgs). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: editora Universidade de Brasília, 2002.
- GAGETE, Elisa e TOTINI, Beth. Memória empresarial: uma análise da sua evolução. In: NASSAR, Paulo (org). **Memória de empresa: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações**. São Paulo: Aberje, 2004.
- Gomes, Neusa. **Museu**: Enciclopédia da Intercom. Disponível em: <http://www.projeto.unisinos.br/cepos/Enciclopedia.pdf>. Acesso em: 24 de maio de 2012.
- HESSEL, Lothar. **O teatro no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.
- HENRIQUES, Antônio Renato. A pesquisa nos museus de tipologia histórica. In: org. SILVEIRA, Andréa Reis da e FILHO, Luiz Armando Capra. **O papel dos museus no mundo contemporâneo**. Porto Alegre: Museu Julio de Castilhos, IEL, CORAG, 2010.
- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. **Institucional**. Site oficial <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/institucional/> Acesso em 24/04/2012.
- IVC – Instituto Verificado de Circulação. **IVC constata crescimento de 3,5% na circulação do meio Jornal em 2011**. Encontrado em: <http://www.ivcbrasil.org.br/blog/?p=197> Publicado em: 01/04/2012. Último acesso: 12/04/2012.
- KUNSCH, Margarida. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. São Paulo: Summus, 2003.
- MAFEI, Maristela. **Assessoria de imprensa: como se relacionar com a mídia**. 4º Edição. São Paulo: Contexto, 2010.
- MARIA CULTURA. Disponível em <<http://www.mariacultura.com.br/maria>> Acesso em: 27 de abril de 2012.
- MARICANO, Adriano. História e Memória. In: MARCHIORI, Marlene (org.). **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. 2. Ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade Cultural e Arqueologia. In: BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: Temas e Situações**. São Paulo: Ática, 1987.
- MOREIRA, Sonia V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice; DAYRELL, Sergio Dayrell (orgs). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: editora Universidade de Brasília, 2002.

NASSAR, Paulo. **Relações Públicas na construção da responsabilidade histórica e no resgate da memória institucional das organizações**. 2.ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

NÚCLEO RBS de Divulgação. **Zero Hora bate recorde com circulação de mais de 190 mil exemplares em agosto**. Encontrado em <http://gruporbs.clicrbs.com.br/blog/2011/09/23/zero-hora-bate-recorde-com-circulacao-de-mais-de-190-mil-exemplares-em-agosto/> Publicado em Publicado em 23/09/2011. Último acesso: 12/05/2012

OJEDA, Janine. **Homem e realidade: o processo embrionário da criação dos museus**. Disponível em: http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1111 Acesso em: 27 de maio de 2012.

PREFEITURA, Porto Alegre. **Auditório Araujo Vianna**. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=19, 14 de abril de 2012. Acesso em 22 de abril de 2012.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino da história**. Chapecó: Argos, 2004.

RÚSSIO, Waldisa. Texto III. In: ARANTES, Antonio Augusto (Org.). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SCHEINER, Tereza Crsitina Moletta. Museologia ou patrimoniologia: reflexões. In: **Museu e Museologia: Interfaces e perspectivas/ Museu de Astronomia e Ciências afins – organização de: Marcus Granato, Cláudia Penhas do Santos e Maria Lucia de N. M. Loureiro**. Rio de Janeiro: MASR, 2009. P. (MAST Colloquia; 11)

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTO, Patrícia Espírito. O jornal impresso e a difusão da informação. In: **E-com – Rev. Cient. do Depto. de Ciências da Comunicação do Uni-BH - Centro Universitário de Belo Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato – notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUSA, Juliana Pereira de. **Mídia: Enciclopédia da Intercom**. Disponível em: <http://www.projeto.unisinos.br/cepos/Enciclopedia.pdf>. Acesso em: 24 de maio de 2012.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRESINI, Elizabeth Wendhausen Rochadel. Museus de tipologia histórica e imaginação histórica. In: org. SILVEIRA, Andréa Reis da e FILHO, Luiz Armando Capra. **O papel dos museus no mundo contemporâneo**. Porto Alegre: Museu Julio de Castilhos, IEL, CORAG, 2010.

UNIVERSIDADE Federal do Estado do Rio de Janeiro. **Escola de Museologia**. Encontrado em <http://www.unirio.br/museologia/escolademuseologia/apresentacao.htm>
Acesso em: 23 de abril de 2012.




UNIVERSIDADE Federal de Pelotas. Museologia. Encontrado em:
http://www.ufpel.edu.br/prg/graduacao_museologia.php Acesso em: 23 de abril de 2012.





UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Sul. **Museologia**. Encontrado em
<http://www.ufrgs.br/fabico/ensino/graduacao/museologia> Acesso em: 23 de abril de 2012.





VAN MENSCH, Peter. **O Objeto de Estudo da Museologia**. Universidade do Rio de Janeiro UNI-RIO/ Centro de Ciências Humanas/Escola de Museologia e Universidade Gama Filho – UGF/ Museu Universitário Gama Filho.1994.




ANEXO A

REGISTROS DA IMPRENSA DO II ATO

	<p>Recorte 1 Título: Andaimes da plateia serão retirados hoje. Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: Também escrito pela coluna de Célia Ribeiro, narra a finalização da pintura do teto do teatro, pelo arquiteto Carlos Mancuso e já antecipa que a abertura da programação será com o espetáculo Piaf, com a atriz Bibi Ferreira.</p>
	<p>Recorte 2 Título: O Teatro São Pedro a caminho de ser fundação. Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: Tornando-se Fundação Theatro São Pedro é permitido o repasse de verbas federais ou de qualquer instituição. Com isso, resolveria um pouco do problema de falta de verba do Estado para a reconstrução do teatro. A primeira doação do MEC foi de C\$20 milhões.</p>
	<p>Recorte 3 Título: Participação da RBS foi decisiva na reconstrução. Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: Informa a visita de Eva Sopher ao diretor-presidente do Grupo RBS, Mauricio Sirotsky Sobrinho, nas vésperas da reinauguração do TSP. Como o aniversário de 20 anos da RBS é próxima a data de reinauguração do teatro, 27 de junho, e que sugere além uma comemoração conjunta, já que a data, 27 de junho, coincide com o aniversário da RBS.</p>




	<p>Recorte 4 Título: Mais dois anos e o Teatro São Pedro vai abrir suas portas. Data: 21/03/1976 Jornal: Zero Hora Resumo: A reportagem afirma que o TSP demoraria mais 2 anos para ser reinaugurado, quando na verdade demorou mais 8 anos.</p>
	<p>Recorte 5 Título: Afinal, algum dinheiro para o Teatro São Pedro. Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: O governador Amaral de Souza não incluiu o TSP como diretriz prioritária para a área da cultura. A prioridade orçamentária foi dada a Casa de Cultura Mário Quintana que seria construída dentro do antigo Hotel Magestic, após uma restauração do antigo prédio.</p>
	<p>Recorte 6 Título: Data de muito significado. Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: Comemoração dos 120 anos do TSP e o trabalho de Eva Sopher na reconstrução do prédio histórico.</p>
	<p>Recorte 7 Título: Qual a cor ideal para as poltronas do teatro São Pedro? Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: A jornalista Célia Ribeiro narra um dos episódios finais das obras de reconstrução do Theatro São Pedro: a escolha da cor das poltronas da plateia, que diante algumas opções escolheu-se o vermelho vinho.</p>

	<p>Recorte 8 Título: O Teatro São Pedro está de volta para ficar. Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: Meses antes da reinauguração do teatro anunciavam-se espetáculos que angariavam fundos para a obra. Os espetáculos ocorriam no hall de entrada ou no foyer nobre.</p>
	<p>Recorte 9 Título: Informe Especial Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: O governo do RS mais uma vez retarda o pagamento para o início das obras de reconstrução do TSP. A notícia destaca o empenho de Eva Sopher no comando da administração.</p>
	<p>Recorte 10 Título: O São Pedro mais próximo da reabertura? Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: Visita do ministro da Educação e Cultura Rubem Ludwig no Theatro São Pedro. A matéria reforça o grande empenho da diretora Eva Sopher e salienta o avanço das obras.</p>
	<p>Recorte 11 Título: Tapeceira restaura franja do pano do palco do São Pedro. Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: A coluna de Célia Ribeiro relata o trabalho da tapeceira Joana de Azevedo Moura na restauração do festão, produzido originalmente na França, que fazia parte do veludo bordô do primeiro pano do teatro.</p>

	<p>Recorte 12 Título: O Teatro São Pedro vai voltar a ser o que era. Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: Matéria veiculada dois dias após a posse de Eva Sopher no cargo de diretora do TSP. Conta que a última vez que Sopher foi ao teatro foi há dois anos, em 1973, e jurou nunca mais trazer alguma apresentação no local (na época diretora da Pró-arte), devido à precariedade do local.</p>
	<p>Recorte 13 Título: Eva Sopher recebe (pela primeira vez) no novo Teatro São Pedro. Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: Outra coluna de Célia Ribeiro, esta narra a singela comemoração dos 120 anos do Theatro São Pedro, recém interdito para as obras de reconstrução.</p>
	<p>Recorte 14 Título: Dinamização da cultura. Data: não informado Jornal: Zero Hora Resumo: Airton Vargas assume a secretaria da Cultura do Estado, mesmo período que Eva Sopher assume a direção do Theatro São Pedro.</p>

ANEXO B

REGISTROS DA IMPRENSA DO III ATO

	<p>Recorte 1 Título: A grande noite da reabertura. Data: 29 de junho de 1984 Jornal: Zero Hora Resumo: O Theatro São Pedro é reinaugurado dia 28 de junho de 1984. Os convidados assistiram ao discurso de Eva Sopher, a OSPA e ao espetáculo local Grupo Cem Modos. No outro dia o público poderia conferir o resultado da obra como também o espetáculo Paif, com Bibi Ferreira.</p>
	<p>Recorte 2 Título: Aquele abraço! Data: 14 de março de 1991 Jornal: Zero Hora Resumo: Nota convidando a comunidade a se juntar a Companhia de Teatro Ópera Seca para darem as mãos e protestar contra a saída de Eva Sopher da presidência da Fundação Theatro São Pedro.</p>
	<p>Recorte 3 Título: Artistas pedem a permanência de Eva Sopher. Data: 15 de março de 1991 Jornal: Zero Hora Resumo: Cerca de 200 pessoas participaram do movimento a favor da permanência de Eva Sopher no TSP, ressaltando a admiração de vários artistas, jornalistas e políticos com o trabalho da presidente do Theatro São Pedro.</p>

ANEXO C

REGISTROS DA IMPRENSA DO IV ATO

	<p>Recorte 1 Título: sem título Data: 28 de junho de 2008 Jornal: Zero Hora Resumo: 10 curtas notas com curiosidades da história do TSP.</p>
	<p>Recorte 2 Título: Data: 31 de maio de 2008 Jornal: Zero Hora Resumo: Sobre a história do TSP, contemplando principalmente sua inauguração em 1858 e as histórias de fantasmas do zelador Oscar Siqueira.</p>
	<p>Recorte 3 Título: Galáxia de São Pedro Data: 28 de junho de 2008 Jornal: Zero Hora Resumo: Crônica do jornalista Renato Mendonça sobre a história e os inúmeros artistas que se apresentaram no Theatro São Pedro.</p>

**Recorte 4****Título:** O cupim sai de cena**Data:** 14 de junho de 2008**Jornal:** Zero Hora**Resumo:** Conta que o descaso público perante o prédio histórico sempre existiu e no final apresenta o resultado de hoje graças a coordenadora da obra de reconstrução, Eva Sopher.